

U m antropólogo colhe dados para a sua tese. O tema: travestis.

O campo de pesquisa: Lapa, Prado Júnior, todo o *bas-fond* carioca. O resultado: este livro notável, em que realidade e reflexão compõem um painel do travestismo de leitura fascinante.

“Hélio R.S. Silva soube ir lá, ver, escutar, apalpar e compartilhar de um modo análogo ao dos pioneiros da antropologia. Por isso mesmo seu trabalho é tão genuinamente original e enriquecedor.”

OTÁVIO VELHO

TRAVESTI

A INVENÇÃO DO FEMININO

ETNOGRAFIA

HÉLIO R. S. SILVA

RELUME  DUMARÁ



© Copyright 1993, Hélio R.S. Silva
cedidos para esta edição à
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.
Rua Barata Ribeiro, 17 sala 202
cep 22011-000 - Rio de Janeiro, RJ
tel.: (021) 542-0248 fax: (021) 275-0294

Revisão
Sandra Paiva

Editoração
Carlos Alberto Herszterg

Capa
Jorge Cassol
Felipe Simon
Impressão e acabamento
Markgraph

*Esta edição foi feita com o apoio
do Núcleo de Pesquisa do Instituto
de Estudos da Religião - ISER*

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S57t Silva, Hélio R. S.
Travesti: a invenção do feminino / Hélio R.S. Silva. - Rio de Janeiro:
Relume-Dumará : ISER, 1993.
176p.

Bibliografia.
Apêndice
Índice

1. Travestismos - Lapa (Rio de Janeiro, RJ). 2. Antropologia social.
I. Instituto de Estudos da Religião (Rio de Janeiro, RJ). II. Título.

93-0565

CDD - 306.760981531
CDU - 3-055.3(815.31)

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da lei 5.988.

“Cada diferença
é preciosa
e deve ser cuidada
com carinho.”

(Margareth Mead)

14 Travesti - A Invenção do feminino

Mas também, como o leitor perceberá, Hélio passa igualmente pelas questões da ética em geral, do método, da afetividade. Sem falar na "teoria".

Porém sempre com enorme *misericórdia* – a que não é estranho o humor. Como se, numa reinvenção benigna da perspectiva pós-moderna, a ironia pudesse se transfigurar sem perder o valor heurístico e existencial de um distanciamento íntimo, análogo ao das virtudes clássicas da antropologia.

Se há uma ética da antropologia, é a da diferença. Ela aqui aparece, combinada a uma originalíssima "preocupação cívica", surpreendente para quem considera a postura antropológica como necessariamente associada a um *blaséismo* descomprometido ou com a antropologia das coisas como elas estão. A diferença, porém, é aqui pensada com uma radicalidade raras vezes alcançada pelos trabalhos antropológicos, posto que não domesticada pela ideologia individualista que exige uma classificação prévia, garantidora da clareza e da não contaminação. Aqui, é a diferença apresentada desafiadoramente como agramatical, transcondição, inominável por parte de "trânsfugas de todos os condicionantes naturais" que não respeitam sequer o código do primado dos interesses.

Etnografia, sim. Mas, também, vislumbre de uma insuspeitada possibilidade de convivência social, performativamente comunicada no próprio corpo por grandes atores, longe da ribalta onde se encenam os dramas institucionais.

Hélio Silva soube ir lá, ver, escutar, apalpar e compartilhar de um modo análogo ao dos pioneiros da antropologia. Por isso mesmo seu trabalho é tão genuinamente original e enriquecedor.

Introdução: o dia-a-dia

Escrevendo o diário de campo

Já se trava um intenso debate sobre travestis no âmbito de várias organizações homossexuais, ONGs e particularmente na Astral (Associação de Travestis e Liberados), dirigida atualmente por Jovana Baby. A luta por tais direitos vem sendo, portanto, conduzida por mãos bravas e competentes. Este livro, no entanto, tem outra direção. Tenta retirar o debate do gueto e do domínio exclusivo dos principais interessados. Destina-se assim aos leigos e contém pouca informação para o público especializado, já íntimo desse universo.

O que tento compartilhar é minha convivência com os travestis da Lapa. Compartilhá-la com um público maior, que o conhece apenas das manchetes sensacionais e machistas. E levantar algumas hipóteses e cogitações para alimentar um debate sobre o tema.

Quero apenas, a partir desse testemunho, dessa etnografia, revelar alguns flagrantes do cotidiano do travesti, de forma que sua dimensão humana, suas contradições, perplexidades, a nobreza e a miséria de sua condição cheguem até o leitor, não destituídos de sensualidade, sexualidade, humor e ironia, mas integrados a tais traços mais visíveis para evitar a caricatura e o pitoresco.

Proliferam as revistas que oferecem imagens eróticas de travestis e transformistas. Algumas, de grande circulação e não explicitamente eróticas, reservam com frequência uma ou duas páginas para suas imagens enigmáticas. O pacto com o *voyeur* fica estabelecido.

Oferece-se assim a imagem ambígua, destinada a produzir o *frisson*, o espicaçamento, atenuado pelo texto negligente, depreciativo, e o debochezinho neutralizador do interesse e tesão de que comungam em pacto dissimulado editor e leitor.

Tento trazer a estas páginas seres humanos. Espero que o humor que desponta aqui e ali não sirva como álibi para a aproximação com o excrescente, e sim que seja incorporado como dimensão humana que se associa a todos os outros traços.

Evito, portanto, a diabolização do travesti e espero não ter caído em seu simétrico inverso, a angelização, tentando seguir a sábia advertência que me fez o antropólogo José Jorge Carvalho, ao comentar a exposição que eu fizera de meus primeiros resultados, no Iser (Instituto de Estudos da Religião).

De todo modo, espero que o humor que porventura meus personagens venham a insinuar não sirva de pretexto para um eventual pacto entre leitor e autor para a mais perversa das desqualificações do outro: tornar-se risível.

Mais ainda: enxergo nessas relações da sociedade abrangente com o travesti – nas quais o braço armado da violência alterna com a expressão aparentemente desarmada da chacota e do desdém – a dramática radicalização das fronteiras do preconceito.

Espero assim estar contribuindo para levantar a questão da incógnita que se esconde no deboche contra o travesti. Assim como no caso dos meninos de rua (sobre os quais no momento elaboro uma etnografia para o Núcleo de Pesquisas do Iser, em parceria com a Profa. Cláudia Milito), o problema não é o travesti. A questão é quem os mata, espanca e desdenha. Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay respeitável) com a bala que fere o seio esquerdo do travesti. O risinho cria na verdade a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho.

A terceira parte do livro, *Etapas da Pesquisa*, materializa a estratégia aqui adotada no sentido de debastar desse objeto o insulamento provo-

cado pela exotização, pela folclorização. Está a princípio destinada ao público acadêmico, embora tenha me esforçado para redigi-la em linguagem pedestre porque, suponho, as conexões ali estabelecidas são fundamentais para a irrigação do meu universo.

*

O que permite hoje que os travestis, nos encontros que realizam para discutir seus direitos, possam questionar o embargo que os restaurantes, boates e casas de espetáculos (algumas de orientação gay) fazem à sua presença?

Jane di Castro declara ao *Jornal do Brasil* que fica chocada quando, acompanhada de sua mãe ou avó, encontra travestis quase totalmente despidos.

Essa nudez afronta o travesti. E o afronta como membro de uma família, que merece respeito.

Ora – e isto se reafirma mais adiante na *Etnografia* –, o que está subjacente a essa discussão é a mudança social. Um homem vestido de mulher, fora do Carnaval, seria inimaginável ainda na década de 50 ou 60. Sua própria circulação na rua seria extremamente problemática. O que mudou para retirar do transvestitismo sua dimensão escandalosa, fazendo refluir o impacto agressivo para a nudez que choca a família Castro – que, no entanto, passeia digna e tranqüilamente com o filho Jane?

Essa questão me parece estar vinculada às revoluções na moda, às vicissitudes do feminismo, aos estertores agressivos do machismo, tudo a redefinir a própria noção de gênero.

O mais impactante hoje não é a operação transexual, mas as corriqueiras fotos de travestis em revistas de nus, a posar languidamente corpos fêmino-masculinos, falo e seios em corpos arredondados e depilados. Como no filme de Neil Jordan, o vômito precede a estabilização de uma relação que nem mesmo as grades da prisão conseguirão romper – compromisso selado pela inversão ética: ao culpado, a liberdade; cadeia para o inocente.

O vômito, portanto, precede não apenas a estabilização da relação, mas também o gesto mais extremo de cavalheirismo, que não recua sequer ante o sacrifício.

*

Conto aqui sobretudo histórias. Algumas delas me soam como parábolas. Mas são parábolas paradoxais: quem as emite não as domina inteiramente. Parece que não as escrevi. Como um médium, recebo-as dessas entidades da rua, que me ultrapassam. Às vezes não as compreendo, ou as entendo parcialmente, como se contivessem camadas e camadas de significado. Que outros as interpretem. Que se faça a exegese daquilo que me ultrapassa. Dou testemunho. E lego folhas em branco para o leitor prosseguir.

Há muito mais coisas entre nós e a Lapa do que pode imaginar a vã sociologia.

Concluo estas palavras iniciais com uma história de amor entre Lucrécia Bórgia, travesti, e Arnaldo, motorista de táxi. Ou melhor, com uma parábola.

*

No dia 1º de janeiro, resolvemos pela manhã tomar um banho de cachoeira nas Paineiras. Eu, Arnaldo, Lucrécia e Emília. Vamos buscar em casa um maiô para Lucrécia. Uma peça inteiriça, não costurada, que se amarra por laços. Chama a atenção a pudicícia de Lucrécia. Reluta em tirar a roupa na frente das pessoas nas Paineiras. Acha indecente... Não há ali teatro, ou há de um tipo mais interiorizado: trata-se da menininha envergonhada que julga indecente o maiô emprestado, ou essa pudicícia deriva do medo de, no traje sumário, não poder conter seu membro? Medo de que o pau aparecesse?

Nesses pequenos incidentes revela-se todo o paradoxo da sensibilidade do travesti: a expressão recatada de pudicícia e vergonha, cumulativamente feminina em sua inquietação de sondar arredores, é, ao mesmo tempo, a preocupação de não expor sua virilidade. O movimento é sutil, mas intrincado. Havia ali todo um complexo de recato feminino no andar, no espiar, no temer e no riso meio amarelo que recobria um rapaz, que tentava não expô-lo como indicativo de uma grosseria.

Arnaldo, seu marido, passa as festas de fim de ano com Lucrécia. Em seu próprio aniversário de casamento, ele ficou. Lucrécia estava amuada, triste. Ele levantava, dizia que ia, mas terminava por ficar, ia ficando e ali continuou até alta madrugada. Lucrécia confessou depois a Cláudia que "aquela tristeza era pra ele ir ficando". Ele sempre fica quando ela faz isso. Aqui, mais uma vez, o hábil recurso a tais artimanhas femininas – ou melhor, artimanhas de um tipo de mulher que nos soa hoje como um estereótipo –, mas tudo isso agenciado com rara competência, precisão. Extremamente interiorizado.

Nesse jogo intrincado e aparentemente farsesco, uma nota soa plenamente verdadeira.

Lucrécia é perdidamente apaixonada por Arnaldo. Quando fomos a São Paulo, insisti para que ficasse conosco. Ela havia trabalhado na Lapa até quatro da madrugada, depois seguira conosco até a rodoviária (onde pegamos o primeiro ônibus para São Paulo); viajamos quase seis horas em um ônibus comum e já em São Paulo fomos de metrô e táxi até a residência de Marieta, onde, após uma conversa entre vários travestis e homossexuais – enquanto assistíamos a vídeos de apresentações de travestis em boates paulistas –, rumamos para a TV Bandeirantes. Lá permanecemos, à base de um sanduíche, até cerca de sete horas da noite, quando retornamos de ônibus e metrô até um restaurante de balcão, no centro, onde tentei de todos os modos convencê-la a ficar, em vão.

Levou-nos até o hotel onde iríamos nos hospedar e dirigiu-se à rodoviária, retornando ao Rio. Arnaldo não a perdoaria, devia voltar para revê-lo.

Embora casado, com filhos, foi com Lucrécia que ele passou o *réveillon*, ali na Lapa, no barzinho da Emília, como já disse.

Quase toda noite lá estava ele, ora namorando com Lucrécia dentro de seu táxi, ora a conversar com ela na Emília, às vezes emburrado, enciumado, a lançar um copo d'água no vestidinho escandaloso, obrigando-a assim a mudar de roupa (ela sempre trazia numa sacola a roupa *vamp* de trabalho, fazendo o trajeto até a Lapa em outros trajes, discretos, embora femininos).

Depois que Maura morreu, ele ficava dias inteiros com Lucrécia no apartamento da falecida.

Visitei-os um sábado: Arnaldo, de calção, sem camiseta; ela, em um *peignoir* azul com motivos brancos.

Flagro alguns episódios, prosaicos e deslocados, mas que me parecem dar a temperatura da relação, a intensidade da união do casal.

Ali na calçada do Borracheiro todos brincavam, chamando-os de Ana Raio e Zé Trovão. No começo do ano, 1992, ele passou uma semana sem aparecer. Como trabalhava na Defesa Civil como bombeiro, todos supuseram que tivesse sido convocado para alguma emergência que se prolongava sem que ele pudesse avisar nada.

Lucrécia me telefonava, desesperada.

Ninguém sabia dele.

Apareceu num sábado, à noite. Disse que passara a semana em Niterói, onde trabalhava. Confessou estar cheio de problemas e disse que nunca mais voltaria ali. Queria terminar com Helena.

Supus que não apareceria mais a tensão da divisão: a família, a esposa, os filhos preponderavam sobre a Lapa e Lucrécia.

No entanto, a rede formada pelos motoristas de táxi nos traz uma surpresa. Um deles confessa a Emília ter visto Arnaldo em Copacabana com outro travesti.

Tudo isso, Lucrécia contou na noite do domingo seguinte, a mim e a Cláudia. Nosso carro enguiçara por falta de gasolina quando voltava para casa, onde estava organizando meu diário de campo para escrever este livro (o que faria posteriormente em Garça Torta, Maceió).

Fui ao posto de gasolina vizinho ao Borracheiro. Lucrécia providenciou um galão de plástico para levar gasolina até o carro. Fizemos o trajeto a pé. Quando retornamos com o carro, ela nos olhou de longe e continuou seu *trottoir*. Estranhei: geralmente minha chegada e da Cláudia era saudada por gritos e palmas mal o carro aparecia.

Alguém conversava com ela atrás da bomba. Pensei tratar-se de um cliente, mas verifiquei depois que não: era Canhoto, marido de um travesti que morava ali na Lapa.

Enchemos o tanque e paramos no bar Emília.

Lucrécia vinha e voltava. Não se fixava em nada.

Não entendia esse comportamento. Não era típico dela. Outras bichas faziam isso às vezes: de repente, fingir que não vê, passar sem falar. Ela não.

Chamei-a para ficar com a gente. Ofereci-lhe a cadeira onde me sentava, próxima à mesinha de metal. Recusou. Apanhou um pedaço de metal, colocou sobre o batente da porta que nunca se abre e que pertence ao Borracheiro. Seu rosto estava carregado. Caiu sobre os

meus joelhos. Um choro intenso, as lágrimas escorrendo do seu rosto, descendo pelas minhas pernas. Segurava com força meu joelho, e o pranto, grave, intenso, parecia preencher a noite.

Apanhei um lenço na bolsa e dei a ela. Segurei seus longos cabelos, que a cobriam na noite quente.

Cláudia, quieta, a meu lado.

Na calçada, todos graves e solidários.

Lucrécia chorava no meu colo. Pensei em uma filha e me quedei a fazer cafuné em sua cabeça e a me perguntar o que era falso e o que era verdadeiro naquela vida.

A "Folha da Lapa"

Sempre me chamou a atenção a distância que às vezes se estabelece em algumas dissertações de mestrado entre o discurso de contextualização e o tratamento do objeto propriamente dito.

Dados do IBGE, história local, estatística, vetustos livros de história compulsados imprimem uma aparência erudita a uma tarefa de colagem cujos dados quase nunca são relevantes para, parodiando Rabelais, *la substantifique möelle*. Ensaio outro recurso e corro outros riscos, o que talvez já constitua uma vantagem.

Para situar a Lapa, espaço físico de meu universo social, restringi-me a um jornal. À leitura do jornal do bairro, mais precisamente aos seis primeiros números, que ali circularam enquanto eu circulava por suas ruas catando histórias e situações.

Assim, desentranho o contexto do *travesti* que aqui tento interpretar a partir de uma publicação evanescente, uma folha de "bairro".¹

1. *Folha da Lapa*. Presidente: Francisco de Assis Pereira da Silva. Rio de Janeiro, Ano I, nos 01, 02, 03, 04, 05, 06, 25, de março/setembro de 1991. Editor: L. Clóvis Scarpino (até o nº 04; nº 05, chefe de redação: Edson Fernandes; nº 06: Danilo Albarnaz). Editado pela AmaLapa – Associação de Moradores e Amigos da Lapa e Corredor Cultural.

Seu temário não é exaustivo, mas é sintomático.¹

Vale a pena avaliar o que está *comprimido* nesses seis primeiros números, contrapondo-o à voz em falsete *colhida* nas calçadas.

*

“A Lapa já foi a Lapa”, confessou-me Shana, estranhando que eu gostasse de tal lugar e que perdesse meu tempo a estudá-lo.

Quase todos ali têm consciência dessa Idade de Ouro do bairro. Madrugada. Viena, com seus confessos 25 anos de Lapa, circunscreve com o dedo uma área nas cercanias dos Arcos e vai apontando os estabelecimentos desaparecidos.

Os nomes reverberam imantados de sua própria legenda. Parecem assim quase palavras sagradas a evocar sacrossantas e imateriais entidades culturais, marcos de uma Idade de Ouro.²

Telê, um senhor negro que trabalha no Abrigo de Menores ali existente, fala de Ismael Silva, lembra Madame Satã e bate com o punho fechado no muro em ruínas ao lado do Borracheiro: “...Aqui era o Cabaret...” e solta o nome mágico. Frequenta os ensaios da escola de samba local, volta às vezes desgostoso com os rumos do samba e, embriagado, refugia-se em seu quarto da rua Sílvio Romero.

Não diria que todos esses personagens tenham a Lapa como um elemento simbólico significativo a se associar na articulação de sua identidade, mas um número ponderável deles assim o faz.

Em seus redutos minúsculos demarcados a tabique, apalpam ruínas de uma cidade sagrada. Estão sendo sepultados entre tais ruínas. O fracasso deles, a deterioração progressiva de suas vidas, confunde-se

assim com o fracasso da Lapa, com a própria deterioração da Lapa. Nesse contágio simbólico, parecem nobilitar a própria decadência, confundindo-a com a decadência de um bairro – tema de inúmeras músicas populares, filmes, programas de televisão, livros. Sobretudo quando o personagem viveu tal época, conheceu certas personalidades míticas, está, enfim, aureolado pela condição de testemunha.

O mito de origem

“Em 1620, Antonio Gomes do Desterro construiu uma Hermida – pequeno e humilde hospício e albergue de peregrinos – ao pé do Morro Anônimo, que passou a ser conhecido como Morro do Desterro, que depois se chamou rua dos Barbonos devido aos frades capuchos italianos, a quem o povo desde logo apelidou de *barbudinhos* por usarem a barba inteira. A partir de 1870, passou a ser Evaristo da Veiga. O caminho do Desterro era amplo, de extensas terras que rodeavam as encostas de Santa Teresa. No seu jardim ou ‘cerca’ (onde está o Quartel da PM) foram plantados os dois primeiros pés de café do Rio. Foi aldeia uruçumirim, colônia, vice-reino, reino, império, é República, animou a valsa, a polca, o tango, o bolero e a história do samba. Sonha acordada, à noite dorme sono solto e vive encolhidinha nos corações cariocas. É a Lapa de SEMPRE.”¹

Assim, na primeira página do primeiro número se inicia uma tessitura curiosa, tendente a criar uma mística de bairro como muito raramente se observa em jornais semelhantes.

É ainda do primeiro número a informação sobre o símbolo do bairro e do jornal – os Arcos: o “Aqueduto Carioca (Arcos da Lapa) está aí desde 1723”, construído pelo Conde de Bobadela para levar água do rio Carioca para o Centro. Isto há mais de duzentos anos. “Há 95 anos (1896), o Presidente Prudente de Moraes partiu de Santa Teresa numa comitiva de sete bondinhos abertos e provocou suspiros ao atravessar

1. Tanto quanto a etnografia (Cap. II): ela não é completa, mas sintomática. A idéia de *epifania* nos orienta: momentos reveladores que concentram luz própria.
2. Viena discorre enfática sobre o texto que escreveu para a Lapa (integraria um livro que abrigaria dois outros textos: o de uma senhora, antiga moradora, e o de um comerciante). Oferece-se para trazê-lo. Demonstro interesse. Repete a promessa por várias outras noites, enquanto reitero meu interesse. Nunca o trouxe. Lembrou ainda algumas vezes. Depois, nunca mais lembrou.

1. *Folha da Lapa*, nº 1, p. 1.

o vão livre dos Arcos”, conforme relata Clóvis Scarpino.¹ Essa Lapa histórica é revolvida: “Coroação do Imperador do Divino no Beco dos Impérios, hoje Teotônio Regadas.”²

A “idade de ouro”

E da referência à fundação longínqua dos Arcos, a Prudente de Moraes e ao Imperador do Divino, mergulha-se, na mesma série histórica, na Lapa boêmia. Nesse discurso sobre a Lapa modulado pelos “lapianos”, desliza-se suavemente da Hermida como mito de origem, da inauguração oficial, da festa religiosa, para um tempo histórico em que o vestuário e o lazer³ constituem pedras angulares das relações sociais.

“Após 1910 nasce a Lapa dos casos passionais e da boêmia desenfreada”,⁴ “as criaturas usam cabeleira farta, cintados ternos de linho branco, sapatos com bicos finos”. “Os decentes malandros e os otários circulam pelos bilhares, bares e cassinos-concertos”. “Camisa de seda com monograma dourado no peito”, “a calça boquinha, o relógio pataca com pulseira vistosa”.

“Jaquetão de tropical inglês, alfinete brilhante ou pérola na gravata, camisas de seda bege, monograma dourado no peito, calça boquinha de palha ou panamá, sapatos *tricot* com o salto carrapeta, chapéu Chile com três pancadas (uma no meio e duas laterais), guarda-chuva de cabo de ouro, anel chuveiro, dente de ouro com iniciais do nome, relógio pataca com corrente e vistoso lenço de seda no pescoço. Unhas sempre polidas e pintadas a esmalte incolor.⁵ Quando o malandro queria ficar à vontade, trocava o sapato pelo chinelo *charlot* ou cara de gato.”⁶

E, sobretudo, a relação malandro/travesti:

1. Idem, p. 3.
2. Idem, p. 4.
3. Ou do lazer vivido como destino, ou que talvez tipifique a boêmia.
4. *Folha da Lapa*, nº 1, p. 4.
5. Ou signo de representação feminino.
6. Idem, nº 2, p. 10, LCS.

“Contudo, o mundo evoluiu, a sociedade se modificou e a Lapa mudou de cara. Atualmente, o que se vê pelas ruas não são mais brigas de capoeira nem serestas. Afinal, ‘o malandro aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal...’ E até Madame Satã não teria vez, a menos que substituísse o chapéu de feltro por vestido e salto alto, pois, do contrário, perderia na concorrência com os travestis que passeiam pelas noites do bairro – e sem causar nenhum espanto ‘àquelas mesmas famílias’” (que viam os malandros como demônios).¹

Dessa época, as alusões da *Folha da Lapa* aos moradores ilustres – embora não propriamente boêmios. É o caso de Manuel Bandeira, citado no primeiro número do jornal como antigo morador no Beco das Carmelitas. Se não deixou marcas no ambiente boêmio, nobilita o bairro, pois “saiu daí para a Academia de Letras”.² Nesse mesmo diapasão, segue a longa matéria sobre Cecília Meireles no número 2 – Cecília, a casa de espetáculos, e Cecília, a poeta; a referência ao ex-morador ilustre Sílvio Santos; ou ao pintor Di Cavalcanti, do qual transcreve um longo poema sobre o “bairro”.³

E ao mesmo tempo em que o monumento, o oficial, o sagrado se desmancham na “informalidade” do lazer malandro, as instituições perdem seus limites simbólicos: “As residências familiares misturam-se às pensões de portas fechadas, onde ficavam as mulheres tratadas de vida fácil.”

E, sobretudo, na *malandrização* da Lapa, o próprio poder e a esfera oficial se rendem a esse charme: “O Grande Hotel da Lapa hospeda os Presidentes da República Afonso Pena, Venceslau Braz, Arthur Bernardes, Epitácio Pessoa. Getúlio Vargas almoça no Restaurante Palácio de Cristal, na Visconde de Maranguape.”

“Os malandros não eram vagabundos quaisquer como esses que assaltam às moscas. Os bambas-boêmios tinham suas habilidades e sabiam fazer jus ao faturamento. Eram disputados e admirados.”⁴

1. Idem, nº 6, p. 3, Heloisa Gomes.
2. Idem, nº 1.
3. Idem, nº 4, p. 13.
4. Idem, nº 2, p. 10, LCS.

O poder não se encontra ali apenas para almoçar em seus restaurantes ou hospedar-se em seus hotéis. Tornaram-se legendários alguns dos cabos eleitorais e capangas políticos, como Zé do Senado, através dos quais a capilaridade necessária roçava as intimidades da Lapa. Desse período, que se estende dos anos 10 aos anos 50, quando sinaliza-se aqui e ali a agonia dessa Idade de Ouro, é remanescente o curioso edifício da rua do Riachuelo 32, singelamente decorado com estrelas de Davi e suásticas nazistas.

A Lapa se pensa assim historicamente. Porém, se o mito nobre de origem a legítima, a evocação do passado humano nunca chega lá, fica sempre na Época de Ouro, como se pode observar na referência feita à “tradição histórica” no número 2 do jornal: saudades dos bondes, água hidrolitol, baleiros, ramalhetes de lírios, braçadas de rosas, boas maneiras e fidalguia de trato, coalhada da Leiteria Bol, conventos com suas alunas, garrafeiros, visual dos malandros, *pince-nez* dos declamadores, Dindinha-Lua, refeições pós-teatro com música ao vivo.¹

Esse “berço do samba e da malandragem”, que teriam medrado à noite, nas gafieiras, onde se bebia muito chope, é também (ou foi) vivido e pensado como uma Montmartre tropical. Assim, pelo menos, pareceu encará-lo um grupo de boêmios que frequentava a Lapa na primeira década do século XX. Entre eles, Raul de Leôni, Jaime Ovalle, Caio de Mello Franco, Di Cavalcanti. Mais tarde, Sérgio Buarque de Hollanda e Dante Milano.

A própria essência da Lapa

Decadência

O terceiro momento (não exatamente cronológico) é o do golpe contra a Lapa: “O Prefeito Pereira Passos e o Governador Chagas Freitas tornaram-se demolidores. Chagas acabou com o Hidrolitol da Lapa e demoliu mais de quarenta imóveis desnecessariamente”, diz o jornal.

1. *Folha da Lapa*, nº 2.

A propósito do caso do edifício nazi-judaico da Lapa, ao cabo da reportagem lemos o seguinte parágrafo:

“Outro assunto que preocupa atualmente os moradores do Edifício Victor são os travestis que fazem ponto em frente ao prédio. Um comunicado da síndica tenta convencer os mais revoltados a não jogar água ou xingar os travestis. Pois o revide – alguns jogam pedras nas vidraças do edifício – piora mais a situação.”²

Os planos para o bairro, pleiteia a AmaLapa, devem ser feitos depois de ouvir moradores. Critica também a construção do Anfiteatro da Lapa (capacidade para três mil pessoas) sem banheiro. “Os Arcos da Lapa estão às escuras, beneficiando assaltantes e outras figuras menos recomendadas. É preciso que a Rio-Luz providencie uma iluminação de emergência, como se fez no Largo dos Pracinhos.”²

Luta pela recuperação

São reiterados os protestos contra a concepção viária da reurbanização da Lapa. A meta pela qual o jornal se bate (ao que parece, com o apoio de alguns políticos) é a de transformar a Lapa em pólo turístico.

Insatisfeitos com a construção do Terminal Rodoviário na Lapa, comerciantes locais se reúnem e dessas discussões surge a Associação de Comerciantes do Rio Antigo (Acra). São inúmeras as reclamações da AmaLapa contra obras públicas que não se inspiram nos desejos e reclamos da comunidade.³ Sobretudo a reestruturação do Largo da Lapa (seu espírito viário, sem áreas verdes) e a construção do Terminal Rodoviário (entre Lavradio, Senado e D. Pedro I, local sem infra-estrutura).

A dimensão positiva da vida noturna é ressaltada na matéria “Lapa à noite”: “Bairro famoso pela boemia e malandragem, que marcaram

1. *Folha da Lapa*, nº 5, p. 9.

2. *Idem*, nº 2, p. 7.

3. *Idem*, nº 5, p. 2.

os anos 40 e 50, a Lapa, através de suas casas noturnas, conta histórias e mostra que ainda hoje é um grande centro boêmio.”¹

Discute-se a ameaça ao acervo histórico local representado pelo movimento pesado e ininterrupto dos ônibus.²

O jornal, que até então silenciara sobre a presença do travesti em suas ruas, assume um tom novo no sexto número. Ali, embora não se confira positividade ao referido ator, já se exercita uma certa tolerância.

“Ao contrário do que se possa pensar, a convivência entre travestis, prostitutas e moradores é bastante harmoniosa. As famílias, que outrora se indignavam e viam com ‘maus olhos’ o pessoal da *batalha*, nestes anos 90 chegam a defendê-los. Como comprova o depoimento de Manoel Ferreira Lopes: ‘O problema do bairro não é prostituta, nem travesti. Eles são inofensivos, não se metem com ninguém.’

A paz do relacionamento entre os moradores e ‘batalhadoras’ é constatada pela inexistência de boletins de ocorrência quanto a qualquer tipo de reclamação, conforme declara o delegado titular da 5ª DP, Maurício Cortez.

Esta harmonia, resultado de uma mudança incontestável no comportamento social, o delegado atribui ao fato de que ‘hoje a licenciosidade é tão descarada, que o cara basta ligar a televisão para ver tudo’. Acrescenta: ‘além do mais, o tráfico do corpo é encarado como exercício da liberdade’.”³

Existem motivos de orgulho mais consistentes, pelo menos em termos de exploração turística. É o que supõe a AmaLapa, que avista no “bairro” a “maior concentração de entidades culturais da cidade”, cuja arquitetura oferece um “panorama da história do Rio Antigo”. Evoca-se a “Hermida para peregrinos no caminho do Desterro, marco inaugural”, como a assinalar o que tanto aflige moradores e a diretoria da AmaLapa: o caráter “de passagem” da área. Evoca-se ainda o “seminário construído em louvor a Nossa Senhora”, a “Capela do Divino Espírito Santo” e o Mestre Valentim, construtor do Passeio Público.

1. Idem, nº 5, p. 1.

2. *Folha da Lapa*, nº 5, p. 2.

3. *Folha da Lapa*, nº 6, p. 5.

O discurso recuperador não se perde apenas em discurso. Esforços concretos são feitos, a exemplo de outros bairros do Rio, como o mutirão de limpeza entre a rua Taylor e a praça Cruz Vermelha (coleta de lixo abandonado, capinar, varrer, limpar bueiros).

Nessa luta pela recuperação da Lapa, o jornal acena com a possibilidade de viabilização de um estilo de vida comunitário e solidário, com espaços amplos e verdes onde as crianças possam se soltar, ao publicar com frequência fotos de grupos bebendo cerveja na calçada, “boêmios aposentados”, jogadores de porrinha confraternizando-se, moradores conversando, sentados sobre engradados de cerveja. Em tais fotos insinua-se um estilo de vida: indícios de um certo paraíso comunitário, alimentado a pequenos prazeres.

Há mesmo uma foto bem curiosa, a propósito. Seis homens, um deles segurando uma taça. Legenda: “Com a taça na mão. Waldemar do Açougue – campeão de ‘porrinha’ da Lapa. Derrotou 50 concorrentes.”¹

Ou a foto de três homens. Legenda: “Antonio da Oficina das Bicicletas, campeão de ‘porrinha’ da Mosqueira.”²

Estilo ameno de vida que se expressa em afirmações ou aspirações como a seguinte: “O bairro mais família do Rio”.³

Essa tranquilidade comunitária, ao abrigo do chope e da lei, tem um substrato altamente erotizado – a Lapa, a própria Lapa, é imaginada como uma mulher:

“A Lapa também é uma mulher – espichada e deitada – nos vãos dos Arcos e com a ponta dos pés na escola de dança Olinewa.”⁴

Enfim há uma qualidade na Lapa, talvez até uma essência, como insinua o seguinte anúncio: “A partir desta edição, a *Folha da Lapa* lança o concurso: resumir numa foto a *própria essência da Lapa*.”⁵

1. *Folha da Lapa*, nº 2, p. 9.

2. Idem, nº 4, p. 6.

3. Idem, nº 4, p. 6.

4. Idem, nº 2, p. 10.

5. Idem, nº 5, p. 1, grifos nossos.

Todo esse namoro com a tradição e com a ética da malandragem, fontes inesgotáveis de ambigüidade, termina paradoxalmente por criar uma Lapa canônica, essencial: "... a beleza da Velha Lapa que continua vibrando com aquela magia dos lugares que têm *vocação determinada*".¹

Há, enfim, toda uma movimentação no sentido de criar ou retomar a mística de um local que não é um bairro, mas tem sua Associação de Moradores, um local de passagem que se bate pela tranqüilidade de suas crianças, que tem passado histórico e boêmio, enfim, um complexo que se exprime emocionalmente, como no anúncio de uma grande empresa ali sediada:

"A Lapa tem cultura e tradição.
Tem fundição e progresso.
A Lapa tem história."

Breque: o que tudo isso pode significar

O malandro, como se viu, é sobretudo definido pelo vestuário agramatical, como o travesti. A diferença quanto à contundência dessa agramaticalidade situa-se no lugar onde nos situamos para evocar retrospectivamente um vestuário singular e pitoresco e o outro lugar, mais concreto, onde encontramos o travesti. A contundência deste talvez se atenuasse se compulsarmos fotos e filmes das décadas áureas da malandragem estereotípica da Lapa e observarmos o quanto o vestuário masculino era monovalente em seus cinzas, azuis-marinhos e tendência ao *ton-sur-ton* no agenciamento das outras peças: meias, sapatos, cintos, suspensórios, lenços e chapéus.

A relação entre o vestuário do malandro e a inversão do travesti só se revela plena na comparação da "roupa malandra" com a roupa do respeitável trabalhador, do sóbrio pai de família da época, ou, como queria o malandro, dos *otários*. O trecho inteiro da caracterização do malandro exposta no número 5 do jornal é interessante porque se aproxima daquilo

que constituía uma hipótese de trabalho nossa, isto é, o *travesti*, socialmente, é uma transformação do *malandro*. Eis o trecho:

"Dos malandros de terno branco, gravata vermelha, lenço na lapela e chapéu de feltro, passando pelas gafeiras, as grandes orquestras, carnavais e chegando-se aos dias de hoje, com o toque original dos travestis pelas ruas do bairro, temos a certeza de uma coisa: mudou a roupa, mas a noite do centro da cidade continua animada, diversificada e cheia de bossa..."¹

Aqui se insinua, no quinto número do jornal, a primeira referência positiva ao travesti ou, pelo menos, uma referência não hostil.

Todos são unânimes quanto à tranqüilidade da Lapa: autoridades policiais, militares, moradores e a própria *Folha*, mas,

"na opinião da dona de casa Carmem, que reside no bairro há 13 anos, não poderia ser diferente já que, 'se a Lapa não fosse muito bem policiada, seria um bairro muito perigoso', pois para Carmem o bairro não é tão tranqüilo assim, porque em suas ruas é constante a presença de prostitutas e gays – problemas que considera 'bastante preocupantes', apesar de não haver nenhuma espécie de atrito entre eles e a comunidade".²

Não se trata de reverter todo um discurso, iluminado pela exceção. Mas a exceção de Dona Carmem não consiste em estar dizendo o que ninguém disse, mas em explicitar o que está implícito no discurso dos outros (inclusive do próprio jornal). Ou – o que já é de duvidosa comprovação – em certas atitudes mudas. Em certas não-atitudes.

O episódio (descrito no capítulo "A etnografia") da briga do travesti contra o preto alto que o teria agredido verbalmente atingiu proporções que ensejariam alguma providência em qualquer outro bairro. Em determinado momento, o travesti passou a lançar sobre o negro e para o chão vasos de plantas decorativas do Posto Shell. Do outro lado da calçada, e de suas janelas, os moradores assistiam a tudo – crianças,

1. Idem, nº 5, p. 10, Angélica Ferrante, grifos nossos.

1. *Folha da Lapa*, nº 5, p. 3, Heloisa Gomes.

2. *Folha da Lapa*, nº 3, p. 16.

donas de casa, todos imóveis, atentos, comunicando-se aos cochichos, meios-risos nos lábios, alguns apenas atentos.

A leitura de um episódio como esse é sempre problemática. A cautela contra a tirania da subjetividade a impor suas intuições sobre o exame mais atento e fundamentado, que é saudável por um lado, pode por outro lado inibir de tal forma o pesquisador que ele termina por abandonar óbvios índices. Como já se afirmou, a própria *Folha* contém essa ambigüidade, apesar de algumas generosas declarações sobre a possibilidade de um convívio tolerante e respeitoso com a diferença. Os travestis têm consciência disso. Eles nunca dizem: “Agora, somos aceitos”, mas quase sempre: “Agora, tá mais tranqüilo”, “eles estão aliviando agora.”

De parte a parte há consciência de que, sob a trégua, algo se mexe, pulsa. Dona Carmem explicita isso:

Reconhece: “não há *nenhum* atrito entre eles e a comunidade”

Mas desconfia: “o bairro não é (ou não pode ser) tão tranqüilo assim”

Porque: a “constante *presença* de prostitutas e gays”

Só pode ser: um “problema bastante preocupante”

Logo: a Lapa “seria muito perigosa se não fosse muito bem policiada”

Há, portanto, uma potencialidade corrosiva na simples *presença* deles. Essa própria presença indica que as coisas não vão tão bem. E, se aparentam ir bem (ou mais, vão mesmo), é graças a essa contrapresença policial, a vigilância permanente, a eterna vigilância.

Assim, se o travesti é ambíguo para a sociedade, esta também é ambígua para com ele.

Tessitura delicada, difícil prever quando se rompe. Interessante estudá-la nesse estado seminal de precariedade.

*

Somente no sexto número da *Folha* os travestis merecem mais que desconfiadas referências breves. Há ali uma matéria de capa (“No fundo da Noite da Lapa”): uma página, metade para travestis, metade para prostitutas femininas. A reportagem é de Heloísa Gomes, que a inicia lembrando que “a Lapa sempre foi sinônimo de alegria e malan-

dragem”. Neste ponto, a obrigatória referência a Madame Satã, o homossexual e o capoeira. Quanto à Lapa de hoje, o que a repórter chama de boemia dos anos 90, divide-se entre as meninas da Marrecas e os travestis da Mem de Sá. Refere-se às boates com shows transformistas, eróticos e de strip-tease. “As transformações foram tantas que até mesmo a mais antiga – a prostituição – mudou de roupa, se travestiu e expulsou de determinadas ruas o sexo feminino.” Queixa pela perda de virilidade dos homens (procuram travestis para manter relação passiva), o sonho da Itália, mudar de sexo, não mudar de sexo são outros temas da reportagem.

Quanto à rua das Marrecas, os temas são prostituição e tóxico, violência (mulher que teve seu nariz quebrado no meio-fio da calçada, uma lâmpada fluorescente enfiada na testa [*sic*], facadas na barriga). Faz referências à frequência de relações homossexuais entre elas, ao problema da Aids e à adoção de camisinhas dadas pelo Gapa.

Contra esse pano de fundo, os travestis desempenham o duplo papel de *extras* que compõem o cenário para o sonho de uma Lapa suficientemente exótica para ser atração turística; e o de bandidos desarmados que podem surpreender a qualquer momento.

A vigília será o preço da tranqüilidade.

*

Em janeiro, já concluído o trabalho de campo, entregue à análise do material obtido, recebo um telefonema de Lucrecia:

“...Tenho o maior babado. A pensão em frente à Emília desabou ontem de madrugada. A Defesa Civil retirou todo mundo.”

Fui até lá naquela noite. Ninguém sabia ainda ao certo o paradeiro das pessoas removidas. O resto do casarão fora quase todo por terra após a saída dos moradores. Ninguém morrera. Apenas alguns feridos, sem gravidade.

Pergunto pelos pertences. Ninguém sabe responder. Emília conta que ouviu o barulho, virou-se na calçada e a frente do casarão desaparecera, revelando seu interior, os quartos, o corredor.

Em pânico, os moradores saíram para a Mem de Sá, recolhendo o que podiam.

A polícia isolou a área, veio a Defesa Civil e, ao amanhecer, os inquilinos estavam sendo distribuídos para outros lugares. Mas aí a manhã já chegara e não havia mais testemunhas, pelo menos as noturnas testemunhas de minha familiaridade. Familiares eram também os inquilinos. O preto, alto, pequeno funcionário público, outras pessoas que paravam ali em frente para tomar um café, beber uma cerveja, antes de se recolherem.

Muitos deles estavam na festa oferecida pelo dono da Borracharia. Foram eles, entre outros, que animaram o *réveillon* de Emília, ali na calçada, cantando velhos sambas, partidos altos até que o sol chegasse.

O episódio materializa de certa forma as questões que percorremos abstratamente sobre as folhas da Lapa.

A etnografia: o dia pela noite

“...O que acontece realmente, o que pensam e como vivem as pessoas que resolveram trocar o dia pela noite? Enfim, o que vai no fundo da noite da Lapa?”

Heloísa Gomes, *Folha da Lapa*, nº 6, pág. 3

Tarde

Os pêlos

*E*las atendem em seu próprio apartamento, localizado na rua S.P., no Centro, bem em frente aos escritórios de uma multinacional. Edifício antigo. As irmãs depiladoras, senhoras à beira dos sessenta, dizem que a construção é do século XIX. Nos fundos, da janela da sala de jantar, ligada à cozinha, se vê um sobrado avarandado cor-de-rosa, talvez dos princípios do século XIX, hoje um cortiço. Arlete, com seus pesados óculos de armação escura,¹ aplica-se, concentrada, sobre os pêlos das pernas. O travesti nu, uma fralda apenas para cobrir o sexo.

1. Depois, fiquei sabendo que ela colocara duas poderosas lentes de aumento para enxergar os pêlos. O médico, quando soube, proibiu-a de usar. Da próxima visita que fiz, ela abandonara os óculos e me falou sobre a consulta ao oculista.

Libete gostaria muito de se apresentar no Bolinha. Faz shows em várias boates, inclusive no Sky, imitando Beth Carvalho. Tem um considerável guarda-roupa com longos vestidos brilhantes e sapatos de finos saltos altos. Mas teme o pai em Pernambuco. Teme que ele a reconheça. O velho não perde o programa do Bolinha.

Libete trabalha em uma papelaria. Tenta agora viver de produzir festas – casamentos, etc. –, atividade que sempre complementou seu salário de empregado de papelaria. Seu discurso é extremamente centrado na família. Tias, pai, doença de parentes, morte da tia, ajuda que dá aos parentes, há quanto tempo não vai a Pernambuco, etc.

Assisti com Maura e Lucrecia ao *clip* de Michael Jackson, ambas atentas. Lucrecia mostrou-se muito interessada em um especial com Marília Pera imitando várias cantoras brasileiras, que gravei para ela. Via o programa como uma espécie de matriz para quem, além da prostituição, dedica-se eventualmente à dublagem em shows de boates da Lapa, ou no Bolinha, como já foi relatado. O programa de Marília fornecia inúmeras sugestões em torno de vestuário, postura corporal visando à imitação, etc.

Aos domingos assistem a “Os Transformistas”, quadro do programa de Sílvio Santos que apresenta travestis e transformistas. A cada domingo, dois números são apresentados e julgados pelos jurados e pelo auditório. Sai um vencedor, que se apresenta na próxima semana competindo com outro candidato e, assim sucessivamente, até que se consagra um vencedor. Esse quadro é muito comentado nas noites de domingo na Lapa. Lamenta-se que tal travesti tenha perdido, comenta-se que aquele outro vem-se mantendo na competição há tantas semanas, critica-se a roupa usada, enfim, essas apresentações contêm inúmeras questões que suscitam uma espécie de reflexão sobre suas próprias auto-representações.

Muito comentado também e acompanhado por quase todos é o programa do Bolinha, em que há também um quadro de travestis e transformistas, o “Eles e Elas”, que vai ao ar aos sábados à tarde, também em cadeia nacional. Ao contrário de “Os Transformistas”, o “Eles e Elas” não tem cunho competitivo. Restringe-se à apresentação dos números, antes dos quais os travestis geralmente indicam onde trabalham (boates, casas noturnas, teatros), alguns deixando no ar seus telefones para contatos para eventual contratação de shows.

No ar, e também ali na Lapa, os travestis consideram que essas aparições abrem portas para eles. Funcionam como uma espécie de publicidade para o artista. Talvez por isso Lucrecia tenha-se submetido a uma viagem cansativa até São Paulo para gravar no Bolinha, voltando no mesmo dia e permanecendo quase o tempo todo sem refeição – apesar de não ter ganho qualquer cachê por isso. O curioso é que esse tratamento não foi dispensado a todos. Outros travestis que se apresentaram no mesmo dia receberam cachê. Talvez porque fossem artistas com nomes firmados na rede gay de casas de espetáculos, tendo, portanto, maior poder de barganha.

Darling esteve no Bolinha para gravar, e circulou na Lapa que ela teria dado uma terrível “bronca” porque ficara um longo tempo à espera das gravações, sem lanche (na quarta-feira em que assisti às gravações, estavam sendo produzidos programas para três sábados, daí a espera longa). Corre então a “fofoca” de que, irritado com o escândalo de Darling, Bolinha teria mandado cortar sua participação no programa. Não obstante, no dia aprazado, Darling surge no vídeo, seu número intacto.

Noite

O começo da jornada

No Largo da Glória-Leblon¹ que peguei em frente à Escola de Comunicação da rua Venceslau Brás, percebo duas meninas bonitas que conversam animadamente. Na Lapa, onde saltamos, seguem ao longo da calçada do Casanova e, sob os Arcos, uma delas tira o bermudão preto e o coloca na bolsa grande, transformando a blusinha branca de alças num vestidinho branco curto de lycra. São travestis que chegam para o trabalho. O relógio digital do arranha-céu ao fundo marca 19:40

1. Linha de ônibus que, apesar da indicação de trajeto, fazia na verdade o percurso Leblon-Lapa durante as obras na avenida Augusto Severo.

e as duas seguem risonhas, o bermudão já dentro da bolsa, o vestidinho de lycra ondulado no rebolado. De outros pontos, outras bichas chegam. Há ali um ritmo febril, o ritmo do começo da jornada, momento em que os companheiros da mesma ocupação se revêem, trocam impressões, comentam acidentes da véspera. É um momento raro em que o cotidiano do travesti, entrecortado de sustos, sobressaltos, navalhadas e tiros, resvala para um tempo morto de plácidos gestos e das informações quase zero.

A partir dali o trabalho, ou a “batalha”, conforme classificam a ocupação, vai-se desenvolvendo em um ritmo que acumula tensões.

Expor-se na calçada à cupidez do cliente é entregar-se ao acaso em um grau não experimentado na zona, boates ou casas de massagens, onde a própria instituição já filtra, conduz, inibe. Na calçada, não. O imprevisto é o dia-a-dia.

De certa forma, assim se orienta a experiência profissional do motorista de táxi. Errante, ao sabor de passageiros cujos destinos vão tecendo itinerários imprevistos. A proximidade motorista de táxi-travesti se deve a traços comuns em suas experiências sociais, nas formas particulares de se integrarem à cidade (particularmente os noturnos *bandeirinhas*-2), traços que tornam ambos os grupos extremamente práticos, atentos, com grande dose de presença de espírito.

Tenta-se aqui uma linguagem, uma concepção e uma estrutura em que episódios, ditos e fatos reverberem numa relativa autonomia. Esses jovens – e alguns já maduros que ainda trabalham na Lapa – vivem exatamente de fragmentos. A atenção permanente, à cata do cliente, ou cautela contra os riscos, lhes confere um olhar altivo e esquadrinhador. Sobre saltos altos operam varreduras nas calçadas, no asfalto, nos automóveis.

Frustrações

Bebo cerveja. O travesti, “displicente”, me agradece:

“... Não, obrigado, eu não bebo cerveja. Não quero beber cerveja.” Lá no parapeito da parte alta da rua da Lapa, rebola-se, bate com os pés na amurada, parece cantar. O homem do caixote comenta para ninguém, voz alta, os olhos presos na bicha nervosa:

“... Ele tá puto. Não conseguiu nada hoje.”

Logo em seguida, outra segue mancando pela avenida Augusto Severo, sobe com dificuldade a escada e vem em direção a nós já no alto, rua da Lapa. Tira o sapato branco ao chegar: o salto está quebrado. Chama a um canto o mesmo homem que disse que a outra bicha não conseguiu nada. Fala alguma coisa ao seu ouvido. Ele ouve com cortesia. Grave, mete a mão no bolso e dá à bicha umas três notas, provavelmente cem, duzentos cruzeiros. Acho que era o dinheiro do ônibus. Aquela também não conseguira nada. Tensão que, de resto, ele vive também, pois do lucro delas depende o seu próprio lucro, já que sua clientela é constituída quase exclusivamente de travestis.

Assim vislumbro uma divisão. Aquela zona de sombra,¹ decadente, aglutinaria os travestis mais feios, mais pobres. Ali, a família nortestina com um mínimo caixote. Lá, a “próspera” Emília com suas mesas e cadeiras de metal, seus pratos consistentes e seu riso bom e amigo para os travestis. Ali, o sombrio; aqui, a *féerie* das luzes dos bares, restaurantes e cabarés, o agitado trânsito da Mem de Sá, o movimento de carros no Borracheiro. Desenha-se no espaço urbano a dicotomia zona nobre, zona pobre.

Shana me confirma, no restaurante Karlitos:

“... Qué qui você acha? Bicha feia, já assim, assim, vai prum lugar escuro...”

Responde prática e categórica, meio incrédula com a minha alegria por essa “descoberta”.

A pé, na avenida Augusto Severo, sou abordado por Tatiana. Interesse-me. Cobra mil e quinhentos cruzeiros² pelo “programa completo”. Quero pensar em termos de hora para pagá-la e saber de quanto tempo disponho para entrevistá-la. Acho caro. Ela deixa por mil. Pergunto quanto tempo dura, para propor uma conversa durante aquele tempo pelo mesmo preço. Como se trataria de uma conversa, penso,

1. A reforma na avenida Augusto Severo, que incluiu uma iluminação feérica (inaugurada em 20 de janeiro de 1992), torna a descrição acima histórica. Um registro, uma lembrança.

2. Essas quantias são de janeiro e fevereiro de 1991

poderia até ficar um pouco mais. Hesito. Digo que estou cansado e que volto no outro dia. No outro dia, volto e não encontro Tatiana.

Mara se queixa do abandono e da doença, das dificuldades financeiras e do cansaço. Quem cuida dela é Liza, uma amiga que mora ali perto. Faz seus curativos, cuida de seus furúnculos. Uma réstia de solidariedade ilumina a noite. Mara, porém, já não consegue o suficiente para pagar um quarto na Lapa (trinta mil por mês) e mora em São Cristóvão, onde paga cinco mil por mês.¹

Queixa-se dos homens. Foi casada durante quatro anos. Homem só gosta quando a mulher está com saúde. Quando se está doente, quem ajuda são as bichas mesmo. Eles não querem saber da gente.

Na zona de sombra, quase duas horas da madrugada, ar abatido, aparência extremamente franzina, ela tenta o freguês. Pergunto o preço. Quer mil e quinhentos.² Pergunto de que gosta mais. Diz que de comer. Fico interessado. Nota e tenta estimular ainda mais meu interesse: "Não gozei ainda hoje e meu pau é enorme, quer ver?" Digo que sim. As mãos franzinas tiram da calcinha um membro mole enorme em si mesmo, mais ainda em relação ao corpo do travesti.

Insiste em que vamos logo, que tá doido pra gozar, o membro sobre a coxa. Digo que tenho um compromisso num bar da Glória. Queixa-se da dificuldade em botar o pau de volta na calcinha. Despeço-me. Quando volto, vejo-o ao longe, já sentado na amurada, conversando com outro travesti.

Essa conversa arrastada sobre as excelências do pau do rapaz é um traço recorrente. Exposição de bunda, coxa, seios, acompanhada de explicações pormenorizadas sobre operações ou vigor sexual, faz parte do cotidiano da abordagem. Os preços variam. No Carnaval, eu de carro, Poliane cobrou-me seis mil cruzeiros.³ Regateei. Ficou por quatro. Tatiane pediu mil e quinhentos. Regateei. Ficou por mil. Já Chana me pediu dois mil e quinhentos, que aceitei logo. Fiquei curioso. O ar abatido, olhar brilhante, sentada no batente da borracharia na

esquina de Lavradio, tinha alguma coisa de dissonante em relação aos outros. Assustou-se quando eu disse que queria conversar num bar. Teimou que com ela só no hotel. Surpreso, tentei fazer-lhe ver que o problema seria o tempo que ficaria comigo. Brinquei: "Eu tenho uma tara diferente, gosto de conversar." Acalmou-se e aceitou. Sugeri o bar da calçada na praça João Pessoa, mas insinuei que ela poderia escolher outro lugar. Sugeri o Karlitos, um restaurante "mais chique" para os padrões locais. Já no restaurante, tranqüilizada, confessou-me que temera que eu carregasse um revólver na minha bolsinha negra.

Achei curiosa a fantasia. Sintoma paranóico da ameaça que vivem cotidianamente. Seus braços eram cortados, os riscos negros que ela mostrou para exemplificar a dureza da vida que leva: "Lapa, já teve sua época." Estranha que eu goste da Lapa. Pergunto por outros pontos de prostituição de travestis. Refere-se a Madureira, Realengo, avenida Atlântica e (em recintos fechados) Nova Iguaçu. Pergunto por que, morando em Bangu, não vai até Realengo. Diz já estar acostumada com a Lapa.

Leva consigo uma escova grande, dessas que ornam toucadores "femininos". Estranho o exagero: não se trata de uma escova portátil. Início de pesquisa, vejo preconceituosamente no objeto um índice daquele propalado exagero, ênfase que caracterizaria o homossexual efeminado.

Engano meu. A escova tem um fundo falso, onde ela coloca vários "papelotes" de cocaína para seus clientes.

Ponto de encontro

Amanda me diz que raramente vai ao Boêmio. Como os outros travestis prostitutas, faz ponto na Emília, "Tia Emília", segundo Poliane. Tia Emília vende cerveja, refrigerante e suculentos pratos, que serve generosamente até as bordas. Isso em frente ao Circo Voador, na calçada de uma oficina mecânica e borracharia que atende ao longo da madrugada grande número de carros enguiçados.

Alguns *habitués*, não forçosamente travestis, freqüentam obrigatoriamente o ponto de Emília. É rara a noite em que não se topa por ali numa hora qualquer com Dr. Fernando, o advogado.

1. Idem.
2. Idem.
3. Idem.

Ou com Telê, funcionário de uma instituição católica que abriga menores abandonados.

Lucrécia, quando viajou conosco para São Paulo, às 5 horas, foi dali que partiu. Ao viajar para Fortaleza, não deixou de comparecer ao ponto, embora tivesse que acordar mais cedo no dia seguinte para estar na rodoviária às 9 horas. Quando cessei “meu campo” para redigir a presente etnografia, recebi alguns telefonemas, estranhando meu desaparecimento. Milton, particularmente, telefonou algumas vezes:

“... Você está sumido...”

Só podia estar acontecendo alguma coisa de errado por não estar ali. Tarde da noite, Adriana chega arrastando chinelos com seus vestidos caseiros, mas sempre caros. Com ela, quase sempre, vem Milton, com quem ela divide uma casa na rua do Lavradio.

Os motoristas de táxi, os *bandeiras-2*, chegam em horas alternadas (existem os *habitués*) para tomar um café, beber uma cerveja, comer os bolos de Emília.

Emília também serve refeições quentes às 10 horas, quando chega, que vão esfriando ao longo da madrugada, para indiferença dos travestis, famintos depois de uma noite de trabalho.¹

Ali na calçada, a gigantesca caixa de isopor, com grandes pedras de gelo, guarda refrigerantes, cerveja, água mineral. Um tabuleiro sobre o caixote abriga, recobertos por um plástico transparente, bolos de milho ou outros, sanduíches, cachorro-quente ao forno, outros tipos de salgadinhos ou doces. Um banco de madeira ao lado, para duas pessoas, uma mesa redonda de metal, algumas cadeiras dobráveis do mesmo material e um fogareiro a carvão sobre cuja tremepe são feitos os churrasquinhos no espeto ou esquentadas as panelas da refeição, quando há.²

Consta que o dono da oficina mecânica tem o maior interesse na permanência de Emília ali e a trata com toda a deferência.³ De mais de uma pessoa ouvi que a oficina fora assaltada várias vezes até que

Emília ali se estabeleceu. A aglomeração formada na calçada inibiria as tentativas de assalto. Ninguém ousaria mais assaltar a oficina, pois se embarçaria com toda a quinquilharia de Emília e uma ruidosa e heterogênea clientela, distribuída ao longo da calçada entre gracejos, goles de cerveja ou de café, motoristas de táxi que brincam com travestis, que se tornam amigos deles tanto quanto dos músicos das orquestras que se apresentam no Circo Voador, no Asa Branca ou em outros locais que oferecem música ao vivo.

No fim de ano, o dono da oficina ofereceu ali na calçada um jantar para todos os frequentadores, presente sua própria família.

Emília não vende para quem não gosta ou para quem, mesmo sem conhecer, ela não foi com a cara. Vi-a fazer isso várias vezes e tecer comentários sobre o fato. No começo do trabalho, ainda no âmbito do Iser, perguntei várias vezes, passando por ali, se ela tinha cerveja e a resposta invariavelmente era não. Até que tentei outro tipo de aproximação, mais compatível com os códigos locais, e passei a ser aceito.

Há, portanto, ali na calçada, princípios de seleção e admissão funcionando com relativo rigor. E não só para ser admitido no bar.

Para o cliente do travesti também, embora às vezes falhe – como foi o caso de Lucrécia, que não gosta de preto. Uma noite, um preto a abordou de dentro de seu carro. Cobrou o triplo e o outro aceitou. Estava sem dinheiro, o pagamento era ótimo. Foi. Depois, porém, ali mesmo no bar de Emília, queixava-se:

“Nego metido a besta. Me deu um ódio...”

Curiosa presença de critérios e mecanismos de controle e seleção, mesmo em um bar de calçada em local difusamente concebido como desclassificado e corrompido. Emília em seu bar de calçada não só é seletiva, como expulsiva, tendo influência sobre os próprios mecânicos admitidos na Borracharia.

Ela opera não apenas como dona de bar, mas sobretudo (o que inclusive torna o bar possível) como ordenadora de relações sociais. Acomodando o compatível, dirimindo a possibilidade de que incom-

1. Posteriormente deixou de servir refeições, limitando-se aos lanches e bebidas.

2. Em 1992, maio, pânico ali: o “rapa” ameaçou-a. Levou parte de seus produtos. Durante alguns dias viveu-se a tensão da ameaça. Depois as coisas voltaram à sua rotina.

3. Chegou, mesmo, em determinado momento, a conceder-lhe um substancial empréstimo em dólares.

patibilidades rebentem em bate-boca ou qualquer outro episódio de conteúdo explosivo e violento.¹

Um muxoxo, um olhar enviesado, uma palavra irritada solta no ar ou – até – a descompostura gritada, pública, diretamente dirigida ao infrator (que de uma feita era um mecânico da borracharia, ameaçado por ela inclusive de demissão), são signos negativos que podem até chegar à ruptura com o indesejável.

Um riso, um tapinha no ombro, um sanduíche reservado há horas (durante as quais vários fregueses foram informados de que não havia mais sanduíches), confidências pessoais ou até mesmo um prato fiado são signos progressivos de aceitação.

Ânimos exaltados

A bicha explosiva durante meia hora deixa a rua Mem de Sá quase parada e toda voltada para ela própria. Como que estimulada pela platéia atenta, tem fôlego para durante mais de 30 minutos insultar e xingar um homem que tem aproximadamente o dobro de sua altura e que provavelmente pesa cinco vezes mais que “ela”. Arrebenta vasos do posto de gasolina. Os rumores em volta são de tédio pela briga e preocupação quanto às suas conseqüências. “Essa bicha está querendo que a polícia não deixe mais a gente trabalhar”, solta para o ar em volta, num suspiro, um travesti. Enquanto fala, continua andando. É o mesmo que, já serenada a situação, pergunta com o mesmo ar vago para o pivô do escândalo: “Você não é daqui não, não é, bicha? Você é da rua...” (o nome me escapa).

1. A briga entre o desconhecido e o namorado de Leila deu-se quando Emília não se encontrava ali. Os dois rolaram pela calçada numa luta áspera, que terminou com o domínio completo do desconhecido. Ciúmes motivaram a briga: o desconhecido aproximava-se de Leila, atento à televisão ligada no interior do Borracheiro. Ao cabo, roupas rasgadas, rostos inchados dos socos, os dois se confraternizaram.

Assim, revelam-se áreas de controle, divisão de áreas de prestígio entre os travestis. Como já havia divisão entre prostitutas e travestis.

Decadência

Há má vontade para com o travesti de rua,¹ mesmo entre aqueles que algum dia já praticaram o *trottoir*. Provavelmente, Telma, que deu uma surra em Poliane porque esta estava namorando André, seu caso, pertence a um grupo privilegiado no universo da prostituição. Suas alegadas idas e vindas a Barcelona fazem-no personagem do alto mundo da prostituição internacional. Poliane recorda-se, enlevada, do cavalheirismo dos homens italianos. Ela contudo é marginal, é barrapitada. Terminou sendo expulsa da Itália. Shana chega a enjoar desse privilégio, obtendo, ao que parece, dos maus-tratos um certo prazer sensual: dizia-me no restaurante Karlitos que o cavalheirismo dos italianos chegava a enjoar. Papticavam demais. Não gostava de homem assim. Preferia ser meio tratada na porrada. Exigia a virilidade de um brutamontes. O tratamento compatível com os maus-tratos a que sua sensibilidade estava afeiçoada.

Telma desfila, satisfeita e sorridente, contando a surra que dera minutos antes em Poliane, que fugira, segundo Emília, “para o lado dos Arcos”. Alguém diz que na fuga Poliane perdera o sapato. Pudera. Telma é uma preta forte, cheia de carnes arredondadas, enquanto Poliane é magra, franzina, embora muito ágil.

O depoimento de Patrícia é amargo. Exibe os furúnculos: um na cabeça, pouco visível, que ela mostra levantando a massa de cabelo cuidadosamente penteado para escondê-lo, e outro na coxa, que ela desvenda também, levantando a saia de sobre a ferida enorme e escura. Queixa-se de que quase não se agüenta em pé, mas que estava dura e precisava trabalhar. Não conseguira nada aquela noite. Fala de sua vida, do colégio interno no Ceará, um orfanato, de onde fugira para fazer o que gostava: se vestir de mulher. Não conheceu o pai nem a

1. A expressão “travesti de pista” foi ouvida algumas vezes pelo pesquisador.

mãe. Estivera muito tempo em Salvador e algum tempo em Belo Horizonte. Tinha uma aparência bem mais velha que seus alegados trinta anos. Mas supomos que os maus-tratos e a vida difícil envelheçam precocemente esses travestis, em trabalho tenaz contra a mentira que as rejuvenesce cotidianamente.

Direitos e deveres

É rara a noite em que suavemente aquele carro não se aproxime da calçada, conduzindo Dr. Fernando, advogado, com escritório no centro, um dos mais notórios frequentadores do bar de Emília.

Usa camisas estridentemente estampadas, dessas importadas de Bali e outras regiões exóticas. Belisca um churrasquinho, come um bolo, na maior parte das vezes janta mesmo sólidos pratos, cochila sentado num banco da calçada ou dorme profundamente no interior de seu carro.

Quando sai, dá carona para os travestis. Conversa com todos, lembra sobretudo histórias de família, fala de tias, manias de avô, de suas viagens.

Já teve vários casos com travestis. Examina-os com interesse, debocha dos “deselegantes” (Leila, a escrachada Leila, é uma de suas vítimas preferidas), mas tudo isso no diapasão de uma certa ternura.

Sua constância ali sempre me pareceu um misto de hábito (que ele cumpre com prazer porque gosta dali) e de um certo plantão profissional (foram inúmeros os relatos de serviços prestados por ele aos travestis). É, de uma certa forma, o advogado dos travestis, pelo menos daqueles cuja órbita é descrita em torno do bar de Emília.¹

Viena é um exemplo de cliente. Morava na rua Sílvio Romero e trabalhava no teatro Brigitte Blair. Uma noite a polícia invadiu seu

apartamento, acusando-a de traficar maconha. Levaram seu aparelho de som e diversos eletrodomésticos, quebraram seu apartamento. Tudo baseado num testemunho segundo o qual, tal dia e tal hora, ela teria vendido fumo para certa pessoa. Viena contratou os serviços do Dr. Fernando e obteve da Brigitte Blair uma prova contundente: no horário em que a acusavam de vender maconha ela estava trabalhando no teatro, conforme pôde comprovar com o livro de ponto daquela noite. Dr. Fernando conseguiu que ela recuperasse todos os objetos roubados pela polícia, mas recomendou que esquecesse os móveis quebrados na diligência policial, como forma de atenuar as coisas, evitando novas áreas de atrito.

Os indícios da aceitação nos chegam aos poucos, indicando claramente a dinamicidade daquelas relações e das representações da sociedade em relação ao travesti. O advogado comenta a surra que Telma dera em Poliane.

Acha Poliane irresponsável. Conta que uma vez, enquanto Telma se encontrava em Barcelona, saíra com um travesti, Poliane e Tomé. Foram a um determinado apartamento. Dirigiu-se a um quarto com sua garota e Tomé foi pro outro com Poliane. Ficou preocupado quando soube que o apartamento era de Telma e que Tomé a estava traindo em seu próprio apartamento. Achou aquilo muito barra, sobretudo porque gosta muito de Telma e não queria se envolver numa coisa daquela.

E introduz no discurso em torno das garotas da Lapa a nota da seriedade e de mínimas exigências morais. Era casado com uma, que morava com ele em seu apartamento em Copacabana. Começou a desconfiar que era traído. Depois teve certeza: quando saía para trabalhar em seu escritório do centro, ela levava homem para seu apartamento. Deixou que viajasse para Pelotas, onde iria visitar sua mãe. Assim que partiu, pegou o telefone e contou tudo para a mãe dela, avisando que não a aceitaria mais de volta. Deixou todos os seus pertences na portaria do prédio e recomendou ao porteiro que não a deixasse subir em hipótese alguma. O porteiro cumpriu a promessa. Foi irredutível. A “esposa” insistia. Até que deu um ultimato, aos gritos: “Você não pode impedir que eu suba ao apartamento de meu marido!” Foi quando a peixeira foi desembainhada. Apontando-a ao peito do travesti, o porteiro culminou: “... Por enquanto estou lhe

1. Disse-me uma vez que pensara candidatar-se a vereador com um programa de defesa dos travestis. Desabafou porém que fora impossível articular sua candidatura, dados o desinteresse e desorganização das bichas. Conclui, irritado: “Querem viver mesmo na merda. Não adianta querer ajudar.”

chamando de senhora; quando eu lhe chamar de viado, enfio essa faca no seu bucho."¹ Diz gostar muito das meninas e da Lapa.

Artimanhas de abordagem

Circulei bastante de carro pela Lapa (antes já circulara um outro tanto a pé). Olhei e examinei todos aqueles travestis: a vivacidade de Poliane sobressaía. Dei outra volta e lá estava ela de novo. Perguntei o preço do programa: seis mil cruzeiros. Achei caro. Ela deixou por quatro. Não fui ao hotel. Levei-a para minha casa, onde o tempo de permanência se prolongaria, além do trajeto de ida e volta, que também tornaria a conversa mais profícua. Depois, a pé, cheguei a receber proposta de programa completo por mil cruzeiros, por parte de Tatiane. (Ainda a pé, paguei a Chana dois mil e quinhentos pela entrevista no bar Karlitos.)²

O adolescente chega (com seus 16, 17 anos) querendo transar com elas, mas só dispõe de 250 cruzeiros. Dizem que não dá pé e o menino segue, frustrado, silencioso.

Poliane diz temer os rapazes de uma subida (transversal à rua do Riachuelo) que, segundo ela, costumam currá-las.

Nessa noite (de Carnaval), falam muito em camisinha.

Poliane conhece um endereço em São João de Meriti onde o cliente pode moldar sua bunda com silicone segundo modelos expostos em fotografias. Por exemplo: bunda de Cláudia Raia, de Monique Evans, etc. A modelagem custa doze mil cruzeiros (em fevereiro de 1991).

Diz que já tomou muito Norderte, mas considera muito fraco. Seus seios cresceram graças a um hormônio italiano. Não colocou silicone nos seios.

Em minha casa, súbita, no sofá, Poliane exclama:

"Ai, meu Deus, por que que eu nasci com pau? Ah!...mas é gostoso também..."

Poliane diz morar com várias amigas.

Poliane se diz cansada da "Tia" Emília e prefere tomar cerveja no Gomes.

Amanda ironiza: na verdade quer ver o bofe, que a maltrata e lhe exige dinheiro. Na verdade, Patrick tomou a pulso parte da cocaína que ela havia comprado e me acusou de estar viciando Poliane. Quando a viu, ríspido, fez um gesto breve, um quase esboço de gesto de tão sumário. Retornou depois de uma volta pela praça Marechal Floriano. Poliane diz não agüentar mais Patrick: além dos maus-tratos, exige-lhe mil cruzeiros por dia. Ela, que diariamente tem tantos homens lindos lhe pagam para transar, ter que sustentar alguém tão ríspido e ameaçador. Várias vezes repete não querer mais vê-lo. No entanto, ao chegar à Lapa, não resiste. E a cerveja no Gomes, segundo Amanda, fora apenas pretexto para revê-lo. Poliane vai assim atualizando aquilo que em nossa sociedade se chama "mulher de malandro". Amanda recusa-se a esse papel e acha um absurdo que alguém o cultive.

Poliane, num crescendo, fala da saturação de Patrick. O curioso é que essa saturação, contada em mil detalhes, provém de uma relação de quatro dias (*sic*).

O comportamento de Poliane contrasta em muito com o de Amanda. Esta é contida, um riso insinuado, a voz displicentemente grave.¹ Em Poliane tudo lembra um teatro. Esse drama conjugal que a esgota... há quatro dias. Os lances de sua permanência na Itália, contada sempre com uma profusão de expressões italianas. Sua expulsão daquele país. Os guardas a tratá-la de *signora*.²

Seu nome homenageia uma grande amiga, uma mulher chamada Poliana. Como no caso de Herder, essa amiga morreu (teria sido uma namorada?). A pequena mudança na vogal final induz a pensar que a homenagem, a reverência se faz com a preocupação de não confundir as identidades e, mais, o nome adotado (final: ana) suaviza-se em ane, como que se refina em feminilidade.

1. Contar dessa forma significa ver isso de fora.

2. Preços de janeiro e fevereiro de 1991.

1. Impressão inteiramente diversa, depois de sua volta de Minas, sete meses mais tarde: escandalosa, inconveniente, viciada e visada pela polícia.

2. Mais tarde, fico sabendo que Poliane jamais esteve na Itália.

Poliane está muito alvoroçada com o Grande Gala Gay. Fabiana chega em trajes sumarríssimos: fio-dental, um mínimo sutiã meia-taça, brancos. Diz vir do Scala (ao que parece foi uma das ganhadoras do concurso Miss Lapa). Está eufórica: também quer ir ao Grande Gala Gay.

“Vou chupar muito pau”, promete-se, enquanto olha em volta.

Da barraquinha montada na praça João Pessoa, um homem, com o andar que corresponde ao estereótipo do malandro, voz de machão, reclama com Fabiana de seus trajes sumários:

“Chega. Vá pra casa se vestir.”

O pequeno sobressalto (do que eu supunha uma deslocada investida moralista em meio à sodomia geral) se dissipa: nem Poliane, Amanda ou Fabiana dão qualquer atenção ao homem. Trata-se de uma brincadeira. Mais tarde noto que esse tipo de brincadeira – que finge estranhar o travesti – é reiteradamente feito por um dos mecânicos da oficina, na confluência da Mem de Sá com Riachuelo. Este, porém, não parece ser benquisto. Lucrécia não disfarça a irritação com ele e suas brincadeiras. “Mona, bicha homem”, diz, ambígua, entre os dentes, insinuando que o mecânico não se assume, suas piadas compulsivas não passariam de atuação de quem é mal resolvido. Isso foi mais ou menos o teor do que ela disse em outras palavras.

O concurso para eleger a Miss Lapa, e que na verdade distribuiu prêmios a cinco ou seis candidatas, realizou-se na praça João Pessoa, fechada ao trânsito durante o evento (Mem de Sá e Gomes Freire). O ambiente era tranqüilo, lembrando uma festa de largo em cidade do interior. O bar com mesas na calçada, várias barraquinhas vendendo bebidas e salgadinhos, famílias com seus filhos, carrinho de bebê no meio da rua, um grupo de adolescentes fazendo “embaixada” ou jogando futebol em círculo, os travestis chamando a atenção com gritos e gestos espalhafatosos, entre eles um de grande e espesso bigode, que a certa altura sentou-se sobre os blocos de gelo contidos em um triciclo, as pernas balançando para o ar.

A escolha de Miss Lapa, reiteradamente anunciada ao longo da noite (desde as nove horas), ocorreu por volta de uma da madrugada. Antes disso uma banda animou a festa, além de fitas e mesmo uma criança (seus 7 anos), que cantou uma dessas canções, *hits* da Angélica. Foi muito aplaudida e entrevistada pelo animador, que perguntou em que

escola a menina estudava, o nome da professora, e lembrou que ali estava a esperança e o futuro da Lapa.

A entrega propriamente dos prêmios, tanto quanto o anúncio das candidatas que desfilavam, foi feita pelo travesti Adriana – uma espécie de celebridade local, anunciada como uma moradora da Suíça que passa as férias na Gomes Freire. O discurso de Adriana era todo salpicado de referências às agruras por que passam os travestis, os preconceitos de que são objeto e a necessidade de encará-los como seres humanos. Lembrava que existem travestis sem caráter tanto quanto existem homens e mulheres de má índole. Como seres humanos, os travestis podiam ser bons ou maus. Não se deveria generalizar.

O evento foi patrocinado pelo jornal *O Povo*, cujo representante também discursou (sem subir ao palanque), afirmando que seu jornal não deveria ser lembrado apenas pelas cabeças cortadas de suas primeiras páginas, mas também como um promotor de cultura e um amigo da Lapa.

Clientes e transeuntes

Relutantes e enrustidos, certos fregueses somente se aproximam de carro, pois permanecem incógnitos. Segundo, supõe-se que os fregueses de carro tenham mais dinheiro. Logo, nada melhor que fazer o *trottoir* em vias movimentadas.

Se a determinante é prática, tal opção produz seqüelas simbólicas na própria maneira como a sociedade difusamente abrangente vê, enxerga e percebe o travesti.

Além da Lapa, todos os outros grandes pontos de travesti do Rio têm uma estrutura viária: avenida Atlântica, Quinta da Boa Vista, Via Dutra (como é óbvio). Exceto talvez Madureira, mas de qualquer forma um bairro bastante movimentado.

Nesse sentido, se hipoteticamente a AmaLapa atingisse seu objetivo e conseguisse reverter a dimensão viária da Lapa, estaria ao mesmo tempo assestando um rude golpe na própria possibilidade de permanência da prostituição de travestis no bairro.

Esta pesquisa pouca contribuição (ou nenhuma) traz à identificação do cliente ou freguês do travesti, salvo aquilo que o próprio travesti dele fala.

Isto porque não há ator social mais furtivo, mais escorregadio.¹ Via-os tantas vezes nas complicadas operações de abordagem, observei-os a distância e mais de perto, e não tenho sequer para consumo próprio o mais remoto perfil deles.

Observei na praça Tiradentes, na Vila Mimosa, na Central do Brasil o quanto é mais límpido na aproximação, na abordagem, na saída com ela, o freguês da prostituta feminina.

Com os travestis, eriçam-se, complicam-se, enrodilham-se. Chegam furtivos e seguem cabisbaixos, quando pedestres.

De carro, muitas vezes dão duas, três, seis voltas no quarteirão para tentar uma abordagem que nem sempre se conclui, disparando o carro logo após algumas palavras trocadas.

Há, claro - e os travestis conhecem muito bem -, os tipos que se aproximam por curiosidade. Rapazes em grupo ou casais que voltam de jantares, de bares ou do teatro, param e fingem estar interessados; e os travestis percebem logo quando não estão, mas entram na simulação.

Esses são comuns. Procurei, acompanhado, fazer o gênero numa esquina da avenida Atlântica ante uma loura alta e vestida segundo parâmetros inimigináveis para a Lapa.

Conversou, espirituosa, cheia de verve. Queixou-se de um casal com o qual saíra na véspera, quando tivera (faz cara de nojo) "que comer a mulher".

Rimos.

E, ao cabo, ela nos etiqueta:

"...Já riram, já se divertiram. Agora, vão dormir."

Esses suaves *voyeurs* são freqüentes e quem permanece por algum tempo em um lugar como a Lapa sabe rapidamente distingui-los dos

1. O mesmo não se pode dizer dos amantes, maridos e namorados dos travestis, assumidos e expostos na calçada, conforme alguns dos relatos desta etnografia evidenciam sobejamente.

amedrontados consumidores dos travestis ou potenciais consumidores, os furtivos e hesitantes clientes.

Assim, o aspecto viário da Lapa é pré-condição para abordagem.

E é também responsável pela revitalização da própria Lapa enquanto espaço da prostituição.

Se fizemos um levantamento das transições que sofreram bairros, áreas, quarteirões e regiões em algumas cidades brasileiras, como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza, vai-se notar o quanto nas últimas décadas decaíram áreas nobres ou vice-versa.

As observações do segundo capítulo, o discurso ideológico sobre a continuidade de uma vocação lapiana para a boemia, esvaem-se na comparação com o que vem ocorrendo em nossa e em outras cidades.

A Lapa sempre foi uma área de passagem, mas a intensificação do trânsito aliada à constituição do travesti como personagem social foram elementos novos, de ruptura, que tiveram o efeito de assegurar a continuidade da "índole" lapiana. Uma conjunção fortuita, uma ruptura puderam assim assegurar a tradição do "bairro".

Se a condição do travesti é por si mesma ambígua, o lugar onde se coloca e no qual se torna mais visível para a sociedade sobrecarrega essa ambigüidade de uma angulação contingente. Do carro em parada, do alto do ônibus, tais figuras são vistas quase sempre de passagem, em lânguidas poses de quem desfila em interiores ou em agressivas demonstrações de seus *próprios* atributos.¹ A visão é sempre despedaçada, um ou outro signo convocado para a produção da imagem se destaca e fica na memória.

Alguns gritam, outros xingam. Há quem lance uma gracinha, fingindo interesse. Quando se conversa sobre tal "visão", as considerações oscilam entre "tem umas que enganam: parecem mulheres mesmo", "mas, ali na avenida Augusto Severo, eles ficam nus", "são muito engraçados", etc. Ou a da freguesa de um salão em que um deles trabalha: "ele é tão educado..."

1. Em entrevista a Sílvio Santos, que queria saber se as suas formas eram dele mesmo, um travesti mineiro argumentou: "Comprei o silicone, logo é meu."

As observações indicam que esses contatos à distância ensejam uma intensificação do exotismo que já seria inerente à condição de travesti. É nessa chave que se torna possível, como já foi visto, que se encare o travesti como animal mitológico. Um ser visto à distância e à velocidade, em áreas de tráfego intenso, dele ninguém se aproxima salvo quando a atração “escusa” incita ao contato. A proximidade impõe o “real” e o desejo se esvanece, o carro segue, o freguês desiste. Esse carro é uma camuflagem para a aproximação.

Assim, a observação sobre o animal mitológico não passa de uma exasperação do que contém, embrionariamente, quase todo discurso sobre o travesti.

Evitar a apreensão viária do travesti, conversar com eles, jantar com eles em restaurantes, ir ao cinema, convidá-los a nossa casa, visitá-los na casa deles é inscrevê-los no circuito do humano, retirá-los da vitrine viária, da terra encantada onde florescem fadas e monstros, para situá-los no contexto de onde pode emergir o sentido e o afeto.

O universo dos travestis não é mais nem menos complexo que nenhum outro. Apenas, como qualquer outro, contém especificidades que exigem cuidados específicos. Afirma-se isso porque, de par com esse registro “animal mitológico”, corre entre alguns pesquisadores com quem conversei durante o trabalho a idéia de que “enfrentá-los” pressupõe um penoso trabalho de aclimação. É como se se tratasse de um objeto à parte, sobre o qual não vigoram as leis normais do mundo, os recursos metodológicos usuais, o enfoque teórico consolidado.

Ordem tensa

Lucrécia não tem o tom carnavalesco trivialmente associado a travestis. Grave, fala pausado, não ri, não riu pelo menos durante toda aquela primeira noite em que a conheci no bar da calçada de Emília. Não frequenta o Boêmio:

“Muito cheio. Tem muita bicha-homem” (com desprezo).

Tem oito anos na vida, fala deles sem emoção e um tanto entediada. Quatro no Rio, a outra metade em São Paulo. Fez também shows com Brigitte Blair, mas ganhava uma ninharia. Afirma, amarga:

“Brigitte Blair está rica, explorando os viados”.¹

Um corte no rosto, olha com desprezo para o mecânico intruso que, volta e meia, se mete na conversa:

“Maricão...”

A expressão “bofe” é usada por Lucrécia para se referir a qualquer homem. Lembra São Paulo como um lugar “de classe”, onde a noite é mais sofisticada e onde existem bares gays que não descem às vulgaridades do Boêmio. Refere-se no entanto a Laura de Vison como alguém decente que dá oportunidades a novos travestis e que paga um cachê razoável.

Voltando a São Paulo, refere-se especificamente ao bairro de Higienópolis, onde existe uma boate gay:

“É mais chique. Não é qualquer travesti que entra. É um Scala.”

Emy conta que fumou maconha no banheiro do Casanova. Recrimino-o. Conto para Lucrécia. Ela me diz que os porteiros do Casanova são todos policiais.

O detetive Rodrigues ronda as imediações, sempre parecendo ter um destino. Não serve mais na delegacia da Lapa. Consta que está lotado em Niterói. Não obstante, volta e meia, em passo rápido, sem se deter para uma conversa, atravessa a calçada do Borracheiro ou circula (como quem procura alguém e não acha) no interior do Bilhar.

Foi ele quem chegou solícito, ouviu de Emília o relato de que sua amiga tinha sido roubada (uma bicicleta de criança que estava dentro do carro), o olhar no chão, o ouvido próximo à boca de Emília. Saiu imediatamente sem fazer qualquer comentário.

Os intrincados meandros dessa operação não pude resgatar inteiramente. Sobretudo porque, no caso, muitas perguntas podiam significar inconveniência. Mas quem não pergunta muito, descobri depois, ter-

1. Como aqui se envolve um nome conhecido, vale a ressalva feita em outros trechos desta dissertação: trata-se de uma fabulação produzida pelo informante para construir sua própria identidade. A cautela se impõe ainda mais por se tratar do primeiro contato, em que a necessidade de produzir impressões (Goffman: 1975) é grande, além do descompromisso ante o estranho. A informante tomou-se amiga do pesquisador e nunca mais a ouvi referir-se a qualquer experiência em teatro.

mina sendo agraciado com informações preciosas. Se não pergunta muito, não é fofoqueiro e, portanto, é merecedor de confiança. O fato é que Emília foi imediatamente até a rua Taylor e avisou ao “pessoal”: se aparecesse uma bicicleta assim, assim, era de sua amiga, não podia, não estava direito. Todos comentavam. Ela reafirmava, olhando para um ponto vago ao fundo da rua, onde o facínora podia aparecer em carne e osso:

“Foi Jota... Jota é fogo.”

O certo é que Jota, sendo fogo ou não, devolveu a bicicleta à amiga de Emília, que alguns dias depois me cumprimentou sorridente.

Comentaram no fim de ano a morte de dois rapazes, um deles assassinado, quando roubava um toca-fitas em Copacabana. Emília pergunta ao PM Xerxes se ele sabia. Xerxes respondeu afirmativamente com a cabeça e, depois de engolir um pedaço de bolo, concluiu:

“Vai se meter com bacana, é isso que dá...”

Seu conciso comentário é todo um enigma a ser decifrado sobre as relações entre a lei e a marginalidade. Sobreponho-o livremente a um outro episódio, relatado por Leila ainda em janeiro de 1992: os policiais que a levaram com outros travestis da Augusto Severo para a DP. Lá estavam dez policiais que queriam transar com as bichas. Leila, altaneira, recusou-se:

“Vocês estão todos contaminados... Não vou transar com nenhum de vocês...”, teria dito, segundo ela. Manteve-se irredutível. Transaram com os outros travestis e, depois, a viatura deixou todos em seus pontos originais. Aquele foi um serviço gratuito prestado à lei e ao Estado que os protegem. Leila, contudo, voltou incólume para seu ponto.

Lucrécia Bórgia recorda de seus 16 anos, já batalhando na Augusto Severo. Ela não gosta mais dali. Mas, naquela época, foi ali que dois policiais a espancaram violentamente. Ela entrou na DP e ficou nua em frente à mesa do delegado, exibindo as marcas da agressão e exigindo a presença de seu pai. Ante a informação de que era menor e filha de delegado, as providências precipitaram-se: os dois guardas foram expulsos da polícia.

Na calçada, sem nunca ter me visto antes (eu o conheci naquela noite), o detetive Rodrigues narrou mastigadamente sua incursão a uma boate em Niterói, na véspera, um sábado à noite, para entregar um

mandato de prisão contra um dos músicos da cantora famosa que se apresentava em uma casa de espetáculos.

Narrou ainda a prisão de um adolescente com 250 gramas de maconha e sua chegada à Delegacia em um dia especialmente tumultuado, quando os policiais estavam às voltas com um assassinato. O fato, menor, irrelevante ante a tragédia do crime, levou o delegado a uma recomendação ríspida:

“Faça o menino comer a maconha e depois solte ele.”

Não tinha tempo a perder com peraltices. O detetive Rodrigues obedientemente acatou as ordens e, em prantos e temeroso, o menino comeu todo o conteúdo do embrulho sob vigilância sádica do detetive.

A conversa prossegue ao som da Orquestra Tabajara. Rodrigues conta um outro caso de prisão, este por consumo de cocaína. Ali mesmo, Lucrécia já me contara a história de Renata, uma amiga sua que cumpre pena de um ano por porte de cocaína, flagrante do detetive Rodrigues. Os pertences dessa amiga acompanham Lucrécia em suas mudanças: duas velhas valises e algumas sacolas de papelão de lojas, um tanto rasgadas e muito sujas, que ajudei a transportar até meu carro quando fiz a mudança de Lucrécia da Lapa para Copacabana.

O detetive Rodrigues contou ainda como “estava doidão” no dia em que trepava com o travesti no quarto do hotel e não conseguia gozar. Tinha cheirado muito e ficou irritado (ri enquanto narra). Puxou um 38 e botou na cabeça do travesti:

“Ou eu gozo ou você morre.”

Ficaram de oito da manhã até quatro da tarde no quarto do hotel. O detetive conseguiu gozar.

Essas ocorrências implicam uma relação lei-marginalidade, crime-repressão extremamente sofisticada e refratária a apressadas conclusões ou interpretações muito dogmáticas. Contêm em si uma tão alta dose de ambigüidade que valem mais, talvez, não pelo que encerram, e sim para o que apontam. E apontam para um novelo, uma infundável possibilidade de desdobramentos ambíguos, onde não há qualquer visão maniqueísta das coisas. Aqui não se pode falar em “homem da lei”.

O PM Yvens é quem explica – em meados de 1991, quando ganhava cem mil cruzeiros –, olhando o embrulho colorido onde levava o joguinho eletrônico, presente para um dos filhos. O colégio das crian-

ças custava doze mil cada um. Devia-lhes uma boa educação. Havia o aluguel da casa, o supermercado e a manutenção do fusquinha dos idos de 70. Não dava. Era preciso complementar esse salário. Falava nos filhos. Os biscates variavam. Desde o achaque ao engenheiro da Petrobrás, que lhe rendera quinhentos mil cruzeiros dois anos antes (de comum acordo com um travesti na avenida Atlântica, com quem dividira o produto da chantagem). O engenheiro era casado, tinha filhos. Yvens foi implacável: vou chamar *O Globo*, *O Dia*, *o Jornal do Brasil* e vamos ver o que a sua família vai achar. Dali foi um passo para uma peregrinação em bancos 24 horas, empréstimos até angariar a quantia exigida. Ou então o tarado que na Hilário de Gouveia pagava os policiais para enfiarem os cassetetes em seu ânus.¹

O olhar blasé de Adriana enquanto os policiais revistavam minuciosamente dois travestis na zona de sombra entre o Borracheiro e o Posto da Shell.

O olhar aparentemente tranqüilo de Emília acompanhando uma discussão, uma freada brusca, uma revista policial.

Lembro-me de um homem imenso, quase dois metros de altura, quadrado de tão musculoso, os cabelos todos brancos. Um sólido senhor, pés descalços, ali, naquela calçada imunda, a conversar com um amigo bem mais jovem enquanto consertavam seu carro. Um olhar que parecia não ver nada, concentrado no grupo em torno de Emília.

Estranhei os pés descalços.

Lucrécia informa:

“É o ó. Federal”.

Shana me diz no bar Karlitos:

“Pensei que tinha um revólver em sua bolsa.”²

Esses olhares em volta, as freadas, os policiais que revistam. Há uma tensão permanente e há uma convivência com tal tensão.

1. Creio que essas informações não teriam sido colhidas na primeira fase do trabalho, quando me apresentava como pesquisador.
2. Tanto eu (na primeira fase) quanto o homem imenso representávamos nas circunstâncias um tipo difuso que no discurso dos travestis é constituído por figuras ameaçadoras, os *castradores*, os *repressores*.

Há um saber conviver ali com toda essa ameaça, esses imprevistos.

Os casos já relatados de Leila e Lucrécia são momentos em que eles viram a mesa contra a prepotência e o abuso.

Há todo um circuito de relações que liga meninos de rua, ladrões, policiais, travestis, traficantes, o pequeno comércio informal em torno de alguns princípios de convivência.

Yvens, o PM, diz mesmo o quanto lhe repugnavam os homossexuais. Confessa que batia quando topava com algum.

“Pra mim, vocês são homens” – é categórico, apontando os dois travestis que, reverentes, acompanham sua preleção. Mas aprendeu que eles são humanos. E que não são todos iguais. E que há alguns mais educados do que... (não conseguiu dizer, mas queria dizer pós-graduados, não encontrou a palavra e eu – fiel ao meu papel – não o ajudei). Já chegou mesmo a emprestar dinheiro a travestis em dificuldade. Um deles, agradecido, ofereceu-se para dar uma “chupadinha em seu pau”, lembra, ainda irritado: estava confundindo as coisas.

Instaura-se ali um princípio de solidariedade, um reconhecimento de que o outro era um ser humano... mas não queria se confundir.

Lucrécia pergunta se ele não conseguia cápsulas de balas deflagradas. Claro que não com essas palavras. A comunicação perde longos minutos, o PM entendendo que ela quer bala. Quando se consegue chegar a bom termo, ele muda de tom para um outro, bem “profissional”. Pondera que tudo na vida envolve dinheiro. Fazem no quartel exercícios de tiro, as cápsulas existem, mas era preciso “molhar a mão” do instrutor.

Lucrécia quer duas cápsulas apenas, para colocar em um par de sapatos de saltos altos.

“Ah! Duas, só? Arranjo. Se você não estiver aí, eu deixo com Emília.”

Esse convívio diário apara arestas e cria situações interacionais curiosas para os prévios padrões definidores de *papéis* e *status*. Insólitas combinações que terminam por ajustar ao salto do sapato do travesti a bala deflagrada do PM.

Mas a bala pode atingir a perna. Como aconteceu com Luciana na avenida Augusto Severo. Ou pode matar. Como aconteceu com a companheira de Maria Bonita na Quinta da Boa Vista.

Lucrécia diz que não anda com Maria Bonita. Quando estão fazendo *trottoir*, evita a proximidade de certos travestis: pode ser morta, “queima de arquivo”. Essas mortes são banais. É um risco ao mesmo tempo mortal e trivial.

O silêncio sepulta a morta

“Se eu fizer o teste e der Aids, eu me suicido”, Lucrécia considera sem alterar a voz.

Essa falta de ênfase denota uma resignação seca ante o grande mal, aquele que em geral não é mencionado. Raro momento em que o nome da doença é pronunciado. Desimportância dessas vidas e esse desdobrar de cuidados. A maquiagem, os vestidos, o deslumbramento ante os filmes das grandes estrelas. Espantou-me a primeira visita ao quarto de Lucrécia, a visão do sujo banheiro comum a todos os quartos do velho casarão. Espantou-me sobretudo que, daquele antro de cubículos exíguos, ela saísse, sedutora, perfumada, com seus vestidos ousados. Há uma técnica que otimiza poucos recursos.

O tempo de campo para a redação deste texto terminou sem que Poliane, apesar dos desmentidos de Amanda, tivesse retornado à Lapa. Teria ficado por Minas, teria ido para outro lugar, ou o desmentido de Amanda tem a equivalência da postura de Lucrécia ante a morte de Maura? O tempo da pesquisa também acabou sem que qualquer pessoa na Lapa soubesse da morte de Maura, com a minha exceção e de Arnaldo, amante (ou marido)¹ de Lucrécia.² Há um sistema de prote-

1. A possibilidade do jogo é grande, e como as relações se sustentam no pressuposto de se aceitar o papel que o outro está a representar, o amante pode ser vivido como marido. Na Lapa, os motoristas chamam Arnaldo de marido de Lucrécia. Um deles brinca constantemente, imitando Lucrécia a chamar Arnaldo.
2. Mas o tempo até a revisão do texto para publicação já permitiu que a notícia se espalhasse. Hoje, creio, quase todos sabem dessa morte e, até agosto de 1992, Lucrécia permanecia no apartamento de Maura, que dividia com Gladys, atual caso do advogado.

ção, de silêncios, de susceptibilidades feridas, de sumiços, de birras, extremamente rico e intrincado.

Em certo período, Lucrécia quase rompeu com Emília. Evitava-a, queixava-se dela. Fazia referências vagas a certas observações que nunca especificava para justificar seu afastamento. Procurei fazer-lhe ver que Emília gostava muito dela e que aquela história toda não passava de equívocos. Finalmente, a paz voltou a reinar entre as duas.

Ou ainda a curiosa dedicação de Brenda a Emília. Muitas vezes fui com Emília e Lucrécia, ou Emília, Lucrécia e Viena à Feira de São Cristóvão, onde Emília fazia compras e nós tomávamos café da manhã com beiju, antes que o sol nascesse pro domingo, ou o sol nascendo, manhãzinha de domingo. Bastava Emília falar (“Brenda, toma conta aqui pra mim”) e Brenda aproximava-se, prestativa e competente. Muitas vezes a vi substituindo Emília. Estava sempre ali. Conversava muito. Até que no mês de novembro seguiu com Ofélia para um local ermo, um terreiro, que ela localizou nas proximidades do rio Guandu, “um lugar muito bonito”, “uma paz”. Ficou por lá alguns dias e voltou “cabreira”, não falava com ninguém, exceto comigo, e nunca mais parou na Emília.¹

A voz em seus falsetes

Com relação à dublagem, acho que o caráter cansativo dos espetáculos de travestis, a aparente redundância de seus esforços de dublagem, a inicial impressão de subserviência contida na relação gravação-dublador, tudo isso talvez possa ser questionado.

Algumas observações de Wellington (ou Gabriel) e Libete sobre detalhes de interpretação, o significado desse ou daquele gesto e outros pormenores levam-me a ver esse tipo de representação sob outro prisma.

1. Da última vez que a vi, antes do término da revisão do presente texto, em julho de 1992, não só retomara a amizade com Emília como passara do êxtase místico para frivolidades mundanas: declinava, irritada os nomes dos convidados que foram “mal-vestidos” para sua festa de aniversário.

A dubladora faz uma trituração, que pode conter acentuados traços críticos, como fica claro, por exemplo, nas dublagens de Laura de Vison. Como em uma derramada letra sobre separação, falta, ausência, enxertada de eufemismos e frases românticas e rebuscadas, dublada com gestos bruscos de quem tenta segurar a qualquer preço um pênis que oscila para além de seus dedos, amarrado a um barbante que seu auxiliar no último andar faz se mover. Acrescente-se que o pênis é dotado de asas brancas de papel.

A classificação *caricata*, *bicha caricata*, corrente no *show-business* gay, pode no entanto suscitar o enquadramento de fenômenos tipo Laura de Vison no rol de um viés crítico em relação à própria dublagem dos travestis. Assim, teríamos as dublagens sérias e as caricatas. Tendo a crer, no entanto, que a dublagem caricata, longe de constituir um contraponto à dublagem séria, nada mais é que o acentuamento dos traços essenciais que regem a construção desta última.

Isto é o que me sugeriram as observações de Wellington e Libete, particularmente. Além das observações que determinadas pessoas da platéia fazem sobre certos gestos, certas expressões. Os comentários que cercam a apresentação – “fiz assim”, “levantou o braço de tal maneira”, “um detalhe do vestido”. A sugestão é de um processo de assimilação dos grandes *hits*, que sofrem uma leitura crítica através do código gestual, das expressões corporais e do código do vestuário: a leitura dessas canções, traduzidas para o universo gay. Não se trataria de uma apropriação bestificada e subserviente, e sim de um comentário. Verificar as propriedades dessa linguagem. Verificar as regularidades, de onde a platéia extrai a graça do que se apresenta, eis um trabalho.

Ou discutir a questão da relação entre dublagem, mentira e travestir, sem o *a priori* de que se travestir equivale a mentir ou dublar implica farsa ou burla.¹

1. Para Robert J. Stoller, psicanalista que trabalha há vinte anos com travestis e transexuais, crianças e adultos, o transexual não está a delirar que é mulher. Pela falta do drama edípico na infância, ele se constitui ontologicamente em uma mulher, uma extensão da própria mãe (Stoller: 1982).

Por outro lado, se sobrevoamos o campo e não nos prendemos à perspectiva do ego, mas percebemos que há mulheres que querem se tornar homens, homens que querem se tornar mulheres, tais flutuações de papel, a inquietação psicológica que serve de motor a tais trajetórias particulares podem ensejar uma compreensão geral de que não é a qualidade sensível particular de qualquer papel que estaria distante daquele indivíduo específico em termos biológicos ou psicológicos. Ou melhor: não se trataria de uma incompatibilidade entre uma biologia específica e uma particular personalidade (materializada no truismo “alma de mulher em corpo de homem”), mas de uma tendência ao próprio *trans*, à condição *trans*. Como exemplo do que quero dizer situa-se nitidamente¹ a história do rapaz que voltou a ser rapaz, que conto a seguir. A partir desse caso e adotada a segunda hipótese, poder-se-ia decodificar em outro plano a reiterada afirmação nas entrevistas de travestis de que são mais ativos do que passivos em suas relações, independentemente da veracidade ou não da afirmativa. Essa constante no discurso está a resguardar o caráter flutuante da identidade do travesti. Ou melhor, um discurso que enfatiza sempre tal caráter flutuante, a não condição ou uma *transcondição*. Mas, vamos ao caso.

O rapaz explica minuciosamente como retirou o silicone dos seios. A conversa se desenvolve na mesa ao lado, com a participação de um outro rapaz, um travesti argentino gordo que está sempre por ali, e um outro travesti bastante “siliconado”.

O rapaz abre a camisa e mostra o peito cabeludo. No seu rosto uma débil costeleta se insinua, um pendente de masculinidade que ele exhibe com um orgulho discreto. Abrir a camisa para exemplificar (segundo entendi) que seu silicone foi retirado pelos mamilos parece desnecessário à argumentação. Parece-me antes a exibição pública da masculinidade no espaço onde foi “plenamente mulher”. Sua voz é mansa, seu vocabulário preciso, seus gestos contidos e educados. Veste jeans e camisa clara azulada, roupa discreta, masculina, de um rapaz comum da pequena burguesia de subúrbio.

Refere-se a um outro travesti que também retirou o silicone:

1. Se, em tal espaço, reserva-se algum lugar para a nitidez.

“Não... mas ele teve que cortar aqui e aqui” – e com o dedo sublinha áreas sob o mamilo à direita e à esquerda.

O travesti brasileiro estimula-o. Diz que ele fez muito bem. E acrescenta que não faz o mesmo porque seu caso não tem volta (não perguntei por que, mas a essa altura, intrometida, mas delicadamente, entrei na conversa). Logo depois o rapaz, simpático, despediu-se de nós. Todos desejaram-lhe boa sorte e ele seguiu, passo tranqüilo, em direção aos Arcos.

Provocava-me a sensação de estar vivendo sensualmente o prazer de uma transição que, antes, já fizera em direção oposta. Não estaria aí uma das fontes do prazer do travesti? *Transvestire*, transexual. A condição não seria exatamente a não-condição? Seu lugar não seria a transgressão? Não foi a primeira vez que ouvi falar desse retorno. Em meus arquivos pessoais guardo registros dessa experiência de “dessiliconização”. Nesses relatos, penso a *condição*, vejo o *lugar* como uma *não-condição*, uma *utopia*, um *não-lugar*.

No caso específico do travesti prostituta, a rua como que sublinha essa *não-condição*, essa *utopia*, esse *trans*. Ser em translação, a errância é seu movimento, no contínuo de relações fugazes, na rua, em metamorfose. Há aí um prazer sensual. Tudo isso me ocorre como interpretação pessoal, projeção de minhas próprias idéias, minha imaginação sobre essas falas, aqueles gestos, tais comportamentos.

O travesti brasileiro segue com os olhos o “novo rapaz”, comenta sobre sua educação e como essa educação é rara no meio em que vivem.

Afasta-se com o rapaz uma possibilidade para eles: o gordo travesti argentino comenta o quanto o próprio silicone dificultaria os movimentos dos *transformistas* no teatro. Isso porque o travesti brasileiro falava de Geórgia Bengston e de sua arte. E de como a considerava a melhor atriz travesti que conhecera. Geórgia morreu. Perguntei de quê. Não me respondeu.

Lembrei-me de Maria Leopoldina, travesti que tanto sucesso fez no teatro nos fins da década de 70, começo da década de 80. Várias reportagens em jornais referiam-se ao seu talento. O jornal *Lampião* chegou a julgá-la merecedora de um Molière. À época, assisti a um show seu e fiquei impressionado. O travesti argentino concordou comigo.

Comentei o quanto me surpreendia que tanto talento tivesse dado em nada. O que teria feito Maria Leopoldina parar suas atividades artísticas? O travesti argentino me olha, espantado com minha ignorância.

Maria Leopoldina morreu em 1985 por ingestão de silicone industrial. A notícia me choca, dada assim, seis anos depois.

Vi-a algumas vezes na rua. Trabalhava em um salão de cabeleireiro na rua... em Copacabana.

O salão, Rio's, era freqüentado por uma amiga minha, que comentara com Maria Leopoldina minha admiração por ela. Teria ficado orgulhosa, pois prezava o “mundo da cultura” e envaidecia-se de contar com um admirador entre professores universitários, provavelmente pela experiência e vivência cotidianas de estigmatização e sentimento de marginalidade.

Lembro-me de uma vez que um senhor a abordou na rua. O senhor elogiava-a, a tinha visto no teatro, e ela educada, gestos contidos, conversava.

O travesti brasileiro diz achar bonito a bicha discreta, que se veste como um rapaz comum. Para ela, a questão homossexual se passa “entre quatro paredes” (*sic*). Diz tudo isso em seu vestido justíssimo, generosamente decotado, sobre o qual caem seus longos cabelos pintados de *acaju*. É *essa* que considera sua viagem sem volta. Repugnam-lhe os maneirismos, gritinhos e afetações dos viados de bigode. Um sentimento equivalente, com uma forte dose de emocionalidade, foi-me expresso pelo travesti, filho de militar, lá no Boêmio. Coisa aproximadamente igual percebi em Lucrecia, referindo-se ao mecânico “maricão”.

A noite ali se adensa contra a festa ruidosa do Circo Voador, onde Cláudia foi comprar acarajés para nós dois. O travesti gordo, sereno, grave, refere-se à dificuldade de locomoção.¹ O travesti brasileiro à

1. “Nem todos, porém, conseguem fugir: Lea, baiano do sertão, porém criado na periferia de São Paulo, quando chegou em Salvador, ao sair à noite para fazer pista, pediu a seus colegas que ensinassem um local tranqüilo tolerado pela polícia, pois, devido ao consumo prolongado de hormônios femininos (mais de seis anos!), sua resistência estava completamente debilitada, sendo-lhe impossível correr da polícia” (Mott; Assunção, 1981; 3).

viagem sem volta. Calo-me quanto à questão de se poder voltar ou não, mas lembro que Laura de Vison é imensa e ágil. Sua excessiva gordura não lhe tolhe os movimentos. Ela rola escada abaixo, desce pelo corrimão, dança, pula, balança os seios presos aos barbantes que pendem do último andar.

Elas acham Laura muito repetitiva. A admiração ali vai para Geórgia Bengston, já falecida. E aquiescem quanto ao talento de Maria Leopoldina.

Sobre Laura, tento colocar as coisas de outra maneira. Seria repetitivo ou se trata de um show tão bem-sucedido que continua em cartaz há quinze anos? Lembro-me da conversa com Shana. O desencanto, a desilusão com o travestismo, a prostituição...

O travesti brasileiro diz que na verdade o que tem ali na Lapa é muito rapaz incapaz de pegar no pesado, enfrentar uma faxina, um trabalho diário e que, por preguiça, à noite se veste de mulher para ganhar algum dinheiro.¹ Revolta-se contra o transvestitismo de fim de semana. Acha ridículos aqueles homens vestidos de mulher, mas que andam como homens, não sabem usar salto alto e são pesadões e afetados. Fala claramente sobre essa ambigüidade e a inadequação, o caráter de farsa, uma burla.

Lembro-me de uma amiga que quase ficava paralítica em seus saltos altos e comento que muitas mulheres não sabem andar de salto alto, muitas mulheres são pesadonas.

A noite se adensa na Lapa e nós três, contra o pano de fundo da festa do Circo Voador, nos interrogamos sobre o feminino, a feminilidade.

Meio bobamente, e só para provocar, cogito alguns lugares-comuns antropológicos, desses de manual. Esse feminino não seria o produto de uma educação? De uma experiência? Não seria mais coisa de cabeça, que terminaria se sobrepondo indiferente a corpos de machos e de fêmeas?

1. Interessante atentar para a categoria "trabalho" entre os travestis. As reiteradas afirmações "vou trabalhar", "volto pro trabalho", "hoje não posso, estou trabalhando" imprimem uma ancoragem solene ao projeto que suscita imediatas leituras que o etiquetam como frívolo, "fresco" e inconseqüente. Mas, sobretudo, estabelece uma dissonância em relação ao universo dito *marginal*.

Concordam que não é o hormônio nem o silicone que produzem o feminino. A noite se adensa na Lapa.

Uma tentativa de assalto

Laura conversou comigo durante um bom tempo na mesinha da calçada de Emília. Decidimos ir até o Tigresa, boate gay localizada na rua do Riachuelo. Ela não tinha dinheiro para o ingresso. Dispus-me a pagá-lo. O jovem auxiliar de mecânico que trabalhava no Borracheiro dispôs-se também a ir conosco. Fomos até o Tigresa, assistimos ao show, bebemos e depois retornamos à Emília. O jovem mecânico tirou suas roupas limpas e voltou ao trabalho, envergando as roupas negras de graxa da faina.

Laura já me informara que morava na rua Taylor. A madrugada acabava. Dali a pouco o dia amanheceria. Estávamos cansados e queríamos voltar para casa. Laura manifestou esse desejo. Dispus-me a deixá-la no 35 da rua Taylor.

Quando nos aproximamos do edifício, um grupo de rapazes conversava na calçada em frente à portaria. Tudo se passou num átimo. Vi, de relance, o grupo compacto e ouvi a voz nervosa de Laura:

"Não pare, não pare. Suba a ladeira..."

Imediatamente obedeci. Nesses segundos, suponho, toda uma série de informações sobre a Lapa e seus perigos deve ter passado por minha cabeça. Lembrei-me provavelmente do que me dissera Poliane sobre os rapazes da Sílvio Romero, que costumavam estuprar os travestis. Ou de inúmeros outros pequenos registros mentais de assaltos e agressão. Pisei no acelerador e subi a rua Taylor em direção a Santa Teresa. Ali, nas proximidades da Chácara do Céu, Laura começa a se contorcer dentro do carro. Pede que eu pare. Quer fazer xixi. Pára o carro naquela rua larga. Laura salta. De cócoras, protegida pela porta semi-aberta, faz xixi. Retorna ao carro e, ainda inquieta, contorcendo-se, a cabeça girando nervosamente, propõe uma "transa entre nós".

Rapidamente, na minha cabeça, toda uma constelação de clichês sobre tipos patológicos começa a girar. Não conhecia direito Laura e ali estava numa Santa Teresa deserta, ante uma espécie desconhecida de "doente mental".

Tenho o sangue-frio de aquiescer. Seguro "carinhosamente" sua perna e digo:

"Vamos então para a Riachuelo. Lá tem um hotelzinho legal..."

Desço Santa Teresa e entro na Riachuelo, fingindo dirigir-me ao hotel, e estaciono brusco no Borracheiro. Salto rapidamente do carro sem dizer palavra.

O dia amanhece atrás dos Arcos. Emília recolhe da calçada seus últimos pertences. O jovem mecânico aproxima-se com sua roupa suja de graxa.

Laura afasta-se num rompante, sem nada falar. Vejo-a sumindo atrás do Circo Voador, direção oposta à da sua casa.

O jovem mecânico pergunta o que houve. Ainda assustado, conto tudo. Comento que Laura parecia uma louca. O rapaz e Emília comentam que ela estava *cheiradaça*. Não tinha visto, mas segundo eles Laura cheirara a noite toda.

No dia seguinte, à noite, ainda comentava o fato. Talvez menos para processar o susto e mais para suscitar uma conversa que me trouxesse novos dados sobre a situação vivida.

O auxiliar de mecânico, ou o "bofe", corta ríspido:

"Você ainda está falando sobre aquilo?"

Nesse comentário percebo a ponta de um código ali vigente de envolver todas as experiências dramáticas com lençóis de esquecimento e silêncio. Procedimento ao mesmo tempo anestésico e estóico. Uma espécie de deliberação *blasé* à la Simmel, que permite sobreviver no universo conflituado, mas, além disso, um certo orgulho de "não esquentar" muito. A experiência traumática só é rememorada pelo seu viés cômico. O trágico se apaga. Não se fala da morte de Maura. Não se fala da Aids que levou Telma, levou Tomé, que parecia estar levando Poliane. Todas pessoas que por ali circulavam e que não mereciam a esmola de um pequeno réquiem.

Ficou-me do episódio a sensação de ter tido contato com alguém que estava *surtando*: a cabeça de Laura girava dentro do carro, enquanto ela respirava, ofegante e barulhenta.

Era pó apenas, diziam o "bofe" da oficina e Emília.

Conversando com Lucrécia, posteriormente, ela me disse:

"É que você é sem maldade. Ela queria era lhe assaltar..."

Uma vez, somente mais uma vez, cerca de oito da noite, vejo Laura, tranqüila, andando na avenida Mem de Sá com outro travesti, a conversar.

Depois, nunca mais.

Emília, muito depois, me diz que ela sumiu, que tinha "aprontado". Não me disse o quê.

Outra vez, rindo muito, Leila perguntou-me pelo incidente. Leila, nessa época, morava também no 35 e conhecia Laura.

Comentei: "... Bicha doida..."

Leila ri e dissolve o assunto. Conversamos sobre outros sobressaltos.

Morte e ressurreição

Viena está "velha" (os ambíguos padrões locais). Seus dentes espacejam na boca, de risos sintomaticamente escassos. Sua idade inviabiliza qualquer pretensão de fazer ponto ali. Vinte e cinco anos de Lapa, escreveu um longo texto sobre o bairro que a Prefeitura prometeu publicar, mas não publicou. Prometeu-me os originais, mas nunca os trouxe. Falava deles sempre, eu na expectativa, até que silenciou. No *réveillon*, que passei com eles ali no Borracheiro, tirei uma foto dela, que lhe dei de presente e que ela recolheu, grave e agradecida.

Apesar de já não concorrer com os travestis mais jovens, seus laços com a Lapa são sólidos. Nos fins de semana ela sempre chega do distante subúrbio de Jacarepaguá, onde mora com seus pais. Conversa, atualiza-se sobre os fuxicos locais, toma alguns cafézinhos, visita a amiga Adriana que mora numa vila da rua do Lavradio. Não consegue mais clientes, porém nessas madrugadas de sábado ou domingo, durante uma hora, uma hora e meia, ela empina-se na beira da calçada, oferecendo seu corpo contra o trânsito que flui dos Arcos para a Zona Norte. Outras vezes, sentada no capô de um carro qualquer estacionado perpendicularmente à calçada, acompanha com os olhos os carros que reduzem a velocidade.

Nenhum cliente. Ninguém pára. Mas, semana após semana, por uma ou duas horas, ela repete a cena, agarrando-se ao seu passado, ar de orgulho, cabeça levantada, inútil.

Ninguém jamais fez qualquer comentário. Nenhum deboche em uma área onde o deboche, a ironia, o entredito e o sibilino cortam o ar como farpas.

Digna, séria, ela empina-se na calçada ou se enlanguesce sobre o capô de algum carro estrategicamente estacionado contra os Arcos, contra o trânsito. E assim fica, a se oferecer à cupidez dos motoristas.

Séria, digna.

Ninguém pára. Ninguém a aborda.

*

Noite fria, chuva fina, Poliane com febre na calçada, em um vestido fechado de gola rolê. Está acentuadamente mais magra do que já é naturalmente. Tosse quando se curva para falar conosco. Queixa-se de doença, mas tem que batalhar.

Dois meses depois fico sabendo na depiladora que ela está com Aids, à morte, na casa dos pais, em Barra do Pirai.

Passam-se mais três meses, Amanda chega radiosa de Governador Valadares, onde esteve com Poliane – que, segundo ela, estava muito bem.

A clientela

Já se mencionou aqui o quanto o cliente é fugidio e como se revela apenas através do relato do próprio travesti.

No entanto, excepcionalmente, alguns deles se expõem. Como foi o caso do advogado maçom, que na ocasião fazia concurso para juiz e já trabalhava no Fórum em uma função técnica, segundo seu cartão de visita exibido ali na calçada. Era um senhor que se dizia morador da Tijuca e se mostrava enlevado com Lucrecia. Chegou ali às 9 da noite e só foi embora quando o dia amanheceu. Dissertava sobre suas experiências sexuais que incluíam, por exemplo, transar ao ar livre, na praia, no Recreio dos Bandeirantes, onde deixava seu revólver na areia ao alcance da mão para se proteger de assaltos, “podendo assim ficar à vontade” (*sic*).

Pedia a Lucrecia que falasse como homem e se deliciava com um certo tom “malandro” que ela emprestava à voz, carregando a frase de gírias. Marcou com ela uma saída no dia seguinte para um programa. Lucrecia disse-me na noite seguinte que ele não apareceu.

Doutra feita houve uma briga de Lucrecia com dois rapazes que a abordaram “querendo transar” e perguntando quanto era. Não notei em nada que eles estariam “de sacanagem” (conforme expressão dela). Testemunhei apenas sua explosão indignada, xingando os rapazes e mandando-os “se catar”. Houve um bate-boca que quase resvala para uma briga física. Muita gente em volta de Lucrecia Borgia. Os rapazes percebem isso e vão embora, ela cobrindo a retirada com palavrões e pragas.

Uma noite, Leila chega bem tarde rindo, feliz, com muito dinheiro, o que lhe permitiu pagar algumas cervejas e comer. Contava deliciada o programa que acabara de fazer na Barra da Tijuca. Um grupo de rapazes a contratara para animar uma festa de despedida de solteiro.

O lugar-comum de que o cliente do travesti o procura para manter uma relação passiva deve ser lido em dupla perspectiva. A primeira é a de que essa é uma possibilidade real. Lembro-me de um travesti irritado, em frente ao cinema Metro Boa-Vista, na rua do Passeio, a gritar para quem quisesse ouvir:

“Já peguei seis clientes hoje e não dei nem uma vez”, e despejava-se em palavrões e imprecações.

O exibicionismo dessa confissão e o fato de que nas entrevistas para jornais, nas primeiras abordagens, o travesti sempre reitera isso tornam tal declaração não apenas um testemunho do que realmente acontece (não temos dados para duvidar disso), mas sobretudo uma espécie de guerrilha contra os machões, os casados, os pais-de-família, os “caretões”, todos aqueles que sob a capa do bom comportamento podem deslizar, sob proteção, para práticas não compatíveis com suas imagens públicas. Pode-se entender o quanto isso deve irritar quem se expõe, com tanto arrojo, a enfrentar todos os preconceitos e a passar todas as humilhações em nome da fidelidade a si mesmo, que é o que eles dizem explicitamente.

Contudo, na intimidade, no dia-a-dia, essa questão nunca é colocada, nunca é tematizada.

Portanto, cumpre situar tais declarações a partir desse enquadramento. O testemunho deve refletir uma realidade do mundo dos travestis.

Mas, também verdade parcial generalizada para alimentar a tal guerrilha acima aludida.

Da mesma forma, outra atitude comum é a de *en petit comité* incriminar personagens públicas, mais ou menos públicas, ou que tenham profissões "respeitáveis". Volta e meia certos atores de televisão, professores universitários e outros são arrolados como clientes. Tais relatos estão crivados de detalhes sobre os filhos, o endereço "deles", onde "eles" levaram o travesti. Lembro-me especialmente do longo relato de Viena sobre um importante editor carioca. Como seu motorista a levou à casa, uma mansão onde, no andar de baixo, o filho do editor batia à máquina, enquanto Viena e o editor faziam sexo embalados pelos ruídos do teclado da máquina do rapaz. Os detalhes conferem convicção ao relato. Se para o público em geral o discurso é o da desmoralização do machão (que, no fundo, seria passivo), entre "elas" o registro se passa diferente. Fregueses maravilhosos, com membros enormes, noites de muitos programas. Inquirido numa época de crise (poucos clientes) se estava conseguindo trabalhar legal, Maria Bonita respondeu esnobe:

"No dia em que eu não tiver mais cliente, tiro o vestido e volto a ser homem."

Ou a bichinha loura, "filha" de Regina, deliciando-se lentamente para os dois travestis que com ela compartilhavam a mesinha do bar de Emília:

"Bicha, mas o cara tinha o pau tão gostoso... Eu dava de graça. Gozei duas vezes, mas tão gostoso... Eu só vi um pau daquele tamanho uma vez, em Recife, no bar Savoy, no banheiro do bar Savoy..." e seguia nesse diapasão, sensual, a degustar publicamente o seu cliente especial para inveja das outras.

As coisas se complicam quando o cliente é compartilhado. O ciúme na Lapa é letal. Todas as paixões se expressam enfaticamente, buscando a manifestação superlativa.

Lucrécia fez um programa com o marido de Ofélia. Afirma que não sabia que era seu marido. Cobrou, o rapaz pagou. Ocorre que, identificando-o depois, e sabendo do fato de que ele era sustentado por Ofélia, decidiu devolver a esta o que ganhara com o programa. Com esse gesto, aparentemente nobre, granjeou uma inimizade cuja potência pude testemunhar uma vez na calçada do Borracheiro.

O episódio ocorreu há quatro anos. Não obstante, em uma certa madrugada, Ofélia passa com Adriana pela calçada e avista Lucrécia Bórgia.

Avança aos gritos e faz inúmeras ameaças, roga pragas, promete acabar com sua vida a poder de feitiços. O clima se torna cada vez mais tenso. Lucrécia permanece sentada e não abre a boca em nenhum momento, mantendo o olhar preso no outro lado da rua, "ignorando" completamente a agressora, que, ante a passividade da outra, exaspera-se mais e parte para a agressão física, sendo contida por Emília e Adriana. Esta a conduz para longe dali, enquanto Ofélia afasta-se, a cabeça voltada para trás, destilando seu rosário de maldições.

Emília aconselha Lucrécia Bórgia a tomar cuidado. Segundo ela, Ofélia era macumbeira, ao que parece tinha um terreiro ou trabalhava em um terreiro. Lucrécia permanece passiva, pensativa. O clima é carregado.

Casas de espetáculo

À noite, antes do trabalho, em seus intervalos, ou ao fim da jornada, pode-se sentar em uma das mesas da sinuca existentes na Riachuelo. Nas mesinhas dispostas na parte fronteira, a frequência é preponderantemente de travestis, seus clientes, amigos, pessoas dali. Ao fundo, os jogadores de sinuca; na parte de cima, com acesso por uma escada vedada por uma porta que permanece fechada, há um cassino clandestino, segundo me informaram os travestis com quem ali estive.

Nos fins de semana, noites de sexta, sábado ou domingo, frequentam o Tigresa, boate gay, também na Riachuelo. Raros se deslocam até o Boêmio, na rua Santa Luzia, onde Laura de Vison comanda seu show escatológico e cáustico, com imitações contundentes, paródias e apresentação de números de outros artistas curiosos, insólitos.

O Tigresa é a casa preferida daqueles travestis ali, embora não tivesse, pelo menos à época da pesquisa, sequer um décimo do público do Boêmio, sempre superlotado. No Tigresa, contudo, algumas peculiaridades. Sua dona inicial, Neuza, que a vendeu posteriormente para os atuais proprietários, foi "casado", tem três filhos. Sua cintura é mínima, suas nádegas enormes, provavelmente produto de silicone e/ou hormônio. Apresentava-se com roupas justíssimas, a delinear sua silhueta de forma marcante. Uma peculiaridade: não dublava. Cantava com sua própria voz, acompanhada ao fundo por trilhas musicais.

A casa, porém, permanecia quase vazia, até que os novos proprietários a remodelaram, renovaram os shows, contrataram novas atrações. Enfeitaram as mesas com flores, produziram cardápio de lanches rápidos, contrataram garçons, criando toda uma atmosfera a que o público respondeu imediatamente.

Darling tornou-se apresentadora dos shows, alternando-se com o jovem José Carlos.

Quadros de impacto, como o bêbado que recitava um texto com citações dos manifestos dadaístas de Tristan Tzara, números com fogo, garrafas quebradas próximo às mesas do cliente, mas sobretudo o espetáculo "Metamorphose", mais longo, mais elaborado, com a presença de vários atores e tematizando a mutação do travesti. O espetáculo foi anunciado com bastante antecedência e teve mais de uma apresentação. Ao cabo de uma delas, José Carlos convidou a platéia para uma discussão sobre o texto no fim da noite, observando que o trabalho precisava ser melhorado, aprimorado e dependia para isso da opinião do público. Esboçava assim a idéia de uma espécie de *work in progress*, mas sobretudo suscitava um debate não só sobre o espetáculo em si, mas implicitamente sobre a própria dimensão estética do transformismo.

Em tais momentos pode-se perceber claramente a gestação de uma estética, de um estilo. Impressão semelhante me causaram os espetáculos da boate Sky em São Paulo, artisticamente muito mais bem acabados e com profissionais extremamente cuidadosos e talentosos.

Menos citadas entre os travestis com quem interagi são as boates Wikings e Casanova. Suponho que a rara freqüência deles ao Boêmio e Casanova se deva ao fato de que, embora apresentem shows de transformismo, estas não seriam casas de travestis, mas de "bicha-homem", "maricões", "bicha de bigode", expressões com as quais rotulam homossexuais de representação masculina.

Outro lugar muito freqüentado é a quadra da Estácio, decantada por seus freqüentadores como um paraíso gay, no sentido de que ali não existe preconceito e os travestis e as bichas são tratados com consideração. E sobretudo, como afirmam quase todos, é muito divertido.

Veza ou outra, quando há um automóvel disponível, circulam pela Via Appia (rua Santa Luzia, depois da Santa Casa de Misericórdia, contornando o Museu Histórico e imediações). Ali existe outro tipo de prostituição: a dos bofes. Os rapazes atléticos, jovens, mantêm-se a intervalos, ao longo

da calçada, calça e camisa esporte, o membro geralmente fora da braguiha, ereto. Os clientes circulam lentamente em seus carros, aproximam-se, conversam sobre preços, atributos e tipo de programa. Alguns travestis se divertem fazendo o percurso, não propriamente com o interesse de fazer qualquer programa. Inquirido sobre essa possibilidade, um deles me disse que "era só o que faltava". Querem mesmo é brincar com os rapazes, olhar os membros - sobre os quais tecem comentários -, "curtir um pouco". Numa dessas incursões, acompanhado de um travesti e de uma moça italiana, um dos prostitutas por quem o travesti se interessara especialmente disse qual era o preço para o travesti, ressalvando que se a moça quisesse seria de graça.

Se o dinheiro não fosse tão escasso, se suas condições econômicas fossem melhores, suponho que esses travestis tirariam muitas fotografias.

Há no Tigresa um fotógrafo muito solicitado. Tira a foto, o cliente paga dois terços do preço e, na semana seguinte, com o cartão que o fotógrafo lhe dá, recebe a foto e paga o terço restante. No segundo semestre de 1991, tais fotos custavam mil e quinhentos cruzeiros. Causei um alvoroço no bar da Emília ao aparecer no *réveillon* com uma máquina e *flash*. Tirei várias fotos, que depois distribuí entre eles.

Nunca registrei a presença de nenhum travesti no Circo Voador. E, entre seus freqüentadores, os únicos que se aproximam do agrupamento de travestis em frente são os artistas. Os músicos de suas orquestras, um ou outro artista que vem ali se divertir. Sua música contudo se espalha generosamente pelas calçadas em volta, embalando os travestis e suscitando comentários sobre o show em curso, que inclusive pode ser acompanhado pelo telão da calçada em frente. Outro lugar divorciado do entorno é o Asa Branca, que, assim como o Circo Voador, conta com uma clientela de outras paragens. Não obstante, rendeu-se à pressão simbólica local e no Carnaval de 1991 promoveu um baile gay.

As conversas ali não fluem contínuas, longas, salvo no fim da madrugada. Dever cumprido, a "grana" assegurada, pode-se espichar um pouco as pernas, comer alguma coisa e conversar.

Patrícia me diz que conversara sobre mim até tarde com Leila, em seu apartamento da rua Taylor. De como eu era legal, educado... não sei mais o quê. Fico gratificado e esboço um gesto carinhoso para ela. São os tempos mortos de reflexão e distensão após a "batalha", o "trabalho".

“Vou trabalhar”, “trabalhar”, “trabalho” são expressões constantes que servem para cortar uma conversa e voltar para a calçada, reafirmam a cada momento que não se pode ir a tal lugar ou se permitir tal lazer. É fabril a disciplina de Lucrecia Bórgia. Às sete horas em ponto ela chega à Lapa, em qualquer condição. Vem de Copacabana em roupas discretas, trazendo no ombro uma sacola. Dirige-se ao hotel onde leva seus clientes, troca as roupas discretas por roupas sensuais¹ e atraentes, e inicia a batalha que pode durar, dependendo da féria e de sua disposição, até três, quatro da manhã. Depois se aconchega no bar de Emília, ficando ali a poder de café e refrigerante até o dia amanhecer. Ajuda Emília a recolher suas coisas, guarda os engradados, retira o tabuleiro, recolhe nas sacolas os restos de comida e, depois, segue de ônibus, dia já claro, para seu apartamento, sua manhã de sono.

Reconhecimento

Engenheiro, sua mulher – um casamento sólido de muitos anos como pareciam fazer questão de evidenciar – já conhecia Lucrecia Bórgia, que ela considerava uma mulher perfeita. O engenheiro, um senhor de aproximadamente 60 anos, deixou-se ficar em frente ao Circo Voador a conversar conosco, enquanto sua mulher, com um grupo grande, encaminhou-se para a Domingueira Voadora. Parecia curioso de conhecer Lucrecia, de quem já ouvira referências através de sua mulher.

Insistia para que ela não fizesse a operação para “mudar de sexo”. O tema também já lhe parecia familiar. Provavelmente sua esposa já lhe dissera que este era o desejo de Lucrecia. Explicava minuciosamente, quase em linguagem técnica, em que consistia a tal operação e suas seqüelas: ela nunca mais teria prazer sexual. Faz a defesa da opção de

1. O ciúme ainda e suas peculiaridades locais: apesar de “fazer o trottoir” e transar a cada noite com vários clientes, tendo mantido após a faina as roupas ousadas da “batalha”, teve seu vestido completamente molhado por um copo d’água entornado “inadvertidamente” por seu marido, que, assim, a constringe a retomar as vestes discretas do seu trajeto casa-trabalho-casa.

Lucrecia, em nome de sua fidelidade a si mesma, apesar de tudo que teve que enfrentar para se realizar como entendia ser verdadeiro.

“Para mim, você é uma mulher.” – E grave, sentencioso: “... Eu poderia fazer sexo com você como uma mulher.”

Conversou longamente, contou sobre seu trabalho como engenheiro, sua vida conjugal, reiterou o equívoco que seria a cirurgia transexual e repassou inúmeras vezes que Lucrecia era uma mulher acabada. Para ele, ela era uma mulher. A conversa foi longa e Lucrecia pareceu sair dela confusa. Depois, queixou-se de que o homem era muito chato.

César assume

Extremamente *vamp*, em sua saia justíssima. A blusa decotada e sumária expulsa os seios. De saltos altos, locomove-se com extrema dificuldade, como se não conseguisse lidar com o corpo escultural. É muito jovem.

Milton, o simpático Milton, homossexual não travesti, avista-o e faz um ar incrédulo, não se contém e explode às gargalhadas:

“César, mas até você, César! Que invenção é essa, César?”

Manhã

“Lucrecia, viado não tem amigo,
Lucrecia. Eu já te disse, Lucrecia,
viado não tem amigo.”

(De Emília)

Um casamento desfeito

Durante a manhã, os travestis da Lapa dormem. Completam no próprio ciclo natural cosmológico a lógica da transposição que orienta suas preferências sexuais, seu vestuário, seu corpo. Nesta parte alinham-se considerações e episódios que podem suscitar algumas reflexões sobre a própria condição social do travesti.

numa relação de vigília, mas que têm quase esse significado, pois expressam desejos, fantasias, volições, uma espécie de projeto que os “realistas” consideram quimérico, utópico.

Ainda: separar pelas etapas do dia e não pelos temas é uma forma de evitar um congelamento muito ideal numa experiência que tem as marcas do fragmentário e do imprevisto. Quase tentar desentranhar uma *antropológica* pelo viés dos “imponderáveis da vida real” malinovskiano, abandonando a prévia segurança do tracejar da estrutura.

Há uma outra dimensão que tal tipo de montagem busca evidenciar. Esse cotidiano cíclico, espécie de eterno retorno, é o tempo de reiterados esforços, de um trabalho penoso porque inacabável no sentido da produção de uma “mulher”. Lucrécia, passeando na calçada com a pinça na mão a retirar pêlos faciais, ilustra bem essa obsessiva produção da “mulher” em si mesma.

Fatos e depoimentos foram registrados em tal perspectiva: o papel almejado nunca está pronto. E cada novo dia impõe o recomeço desse trabalho de Sísifo. Cada gesto, todo ato, a memória e os depoimentos estão convergindo para essa produção. O espelho, nesse sentido, é o símbolo por excelência de uma operação mais disseminada, cotidianizada: a emissão de sinais processados em *feedback*, constante exercício de auto-avaliação, emocionalmente atualizado por todas as disposições-clichês em torno da “ vaidade feminina”.

Pedem-se desculpas por certas passagens que podem parecer chulas e vulgares a algumas sensibilidades. Relutei, mas deixei-as como se encontram: a crueza exposta aqui e ali opera ainda como contraponto ao jogo infundável da simulação, forma obsessiva de construção da realidade.

Lança-se mão de um artifício para facilitar a leitura. Usa-se FEMININO em caixa alta sempre que se refere à idéia abstrata, ao conceito que se opõe ao masculino. Feminino, em caixa baixa, para designar atributos empíricos da mulher (enquanto construção social). “Feminino”, em caixa baixa, aspeado, para designar atributos empíricos do transformista (“feminino” de primeiro grau), do travesti (“feminino” de segundo grau) e do transexual (“feminino” de terceiro grau).

Macho refere-se aos atributos empíricos do homem, e *fêmea* aos atributos empíricos da mulher (ambos enquanto conformação natural).¹

Tenta-se ainda exorcizar a exotização.

Quando se faz etnografia na própria casa – na suposição de que um antropólogo, profissional do estranhamento, não venha a ser um eterno inquilino –, deve-se tudo explicitar, sob pena de cometer elipses, dando por suposto o que é familiar para o etnógrafo, mas pode-se constituir em um enigma para o gafanhoto de outros campos, para lembrar o ditado indonésio recolhido por Clifford Geertz.²

Não ocorre em tal argumentação que às vezes é na própria manutenção do enigma que o texto se tornará mais claro para o leitor distante. Se o antropólogo equaliza no texto descobertas e avanços ao consabido e integrado a sua cultura, silabando tudo, ao leitor de outros campos ficará difícil saber quando o gafanhoto está a devorar campos novos ou se apenas mastiga o campo devastado (no sentido de consabido).

Conclusões

“– Como se escreve seu nome, com Ch ou Sh?
– Tanto faz.”

(Anotando o endereço de Chana ou Shana.)

Ao longo do trabalho, tentou-se – o sucesso disso é incerto – demonstrar o caráter ambíguo do travesti, de sua posição social, das posições que impõe a seus interlocutores e outros atores com os quais interage, os sentimentos que suscita e as idéias que se produzem sobre ele.

Essas conclusões se querem hipotéticas.

E nossa principal hipótese é a de que esse objeto só se oferece refratado. Pedimos licença para recorrer mais uma vez à imagem da

1. Quanto aos nomes dos personagens aqui envolvidos, operamos uma *transnominção*, pois não se pode dizer que os nomes sejam fictícios, pois os originais já eram uma ficção. Perde-se o sabor da invenção deles. Espero que a minha não se demonstre decepcionante e honre a criatividade original.
2. O único reparo que se pode fazer a tal procedimento é o de que o *paper* deverá conter um grau mínimo de autonomia, de objetividade.

sala de espelhos. Esses reflexos, essas imagens, esse personagem ágil, escorregadio, prestidigitador *talvez* só se deixem apreender numa rede cujas malhas se teçam numa perspectiva hipotética.

Se é um recurso popular carioca “cercar o bicho”, aqui se tenta cercar o ser metamórfico por um conjunto de hipóteses, na pretensão de suscitar alguns questionamentos a partir dos quais possamos compreendê-lo.

E ao fazer tal afirmação de base já a relacionamos a outra questão, a de que esse jogo confere a esse ator um sentido de irrelevância tal que sobre ele o preconceito se abate sem qualquer freio. Talvez ele atice, se não o último, talvez um dos últimos bastiões do preconceito que quase não suscita um contradiscurso. O preconceito contra o preconceito parece sempre deixar livre algum objeto sobre o qual a sociedade preconceituosa possa se manifestar “livremente”, sem os freios da “autocensura”, sem o olhar recriminador do outro. Isso ficou claro na experiência paralela de suscitar o tema entre diversos atores sociais.

Talvez seja um dos raros preconceitos plenamente articuláveis por intelectuais (embora de forma aparentemente benigna). E benigno no sentido de que não se articula nenhum discurso contrário, não se exaspera em condenações, tudo se destila como risível, irrisório, irracional, mas de uma irracionalidade menor, imprestável, irrelevante.

É esse senso de irrelevância que o transforma num portador de uma suave loucura, para os intelectuais. Ou em óbices à respeitabilidade, para homossexuais.

O racismo, o machismo, o etnocentrismo são exercidos em múltiplas latitudes. Mas, na maior parte delas, vozes se agitam, movimentos se organizam, textos são escritos, condenando-os.

Os travestis talvez corporifiquem uma das últimas assim ditas minorias que não suscitam qualquer protesto articulado contra a discriminação.

Parecem não sensibilizar muito, no sentido de que não parecem constituir uma causa séria.

Essa observação não é absoluta. A própria possibilidade de uma pesquisa como a presente, institucionalmente abrigada, em sua primeira fase, no Núcleo de Pesquisas do Iser e posteriormente no Programa

de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional, indica brechas em tal postura.

Em geral, contudo, as conversas sobre travestis mantidas durante a pesquisa revelam perspectivas segundo as quais ou estaria explicitando uma agressão à mulher, à sociedade, por um lado; ou, por outro, expressaria a dificuldade em “assumir” o homossexualismo. Enfim, ou pretexto, ou sintoma. A experiência assim se dissolve, tornando-se meramente instrumental, seja em suas funções agressivas, seja em seus mecanismos defensivos. O que, de resto, permite a liberação de uma maliciosa curiosidade. Uma excitação manifesta nas conversas, nos curiosos dos automóveis ou no público das boates gays.

Valeria a pena perceber inclusive o quanto a decisão, aparentemente solitária, de fazer a operação terminal não seria uma tentativa de transcender os domínios do irrelevante e do risível.

Não aceito, ridicularizado, sente-se incômodo e abre mão do signo por excelência do macho, aureolando-se – pelo sacrifício – ao direito de ser mulher. A dádiva, a renúncia aí contida como que avaliza a densidade do projeto. Qualquer que o toque, doravante, não poderá mais considerá-lo irrisório.

Esse sacrifício é tão dramaticamente concebido que, quando contei a um importante intelectual brasileiro as histórias que corriam na Lapa sobre os desvarios de Roberta Close, ele se mostrou generosamente chocado:

“Pensei que estivesse numa boa...”

O *sacrifício* purifica o projeto. Faz esquecer que não existe operação para mudança de sexo. Como já observou Rogéria, essas pessoas são simplesmente castradas.

*

Há um discurso de senso comum sobre feminismo e machismo que poderia ser resumido aqui, não de forma completamente arbitrária, do seguinte modo: tradicionalmente, o machismo (generalização, paradoxalmente, redutora) sempre operou de forma ambígua, a solicitar da mulher o culto aos cuidados pessoais estéticos e sedutores, mas sempre crivou tais cuidados das acusações de fúteis e expletivos.

O feminismo (e mais uma redução generalizadora), por sua vez, ao elaborar um discurso de afirmação da mulher e do feminino, quis revelar outras faces da mulher, sua plenitude como ser humano, desvinculando (embora não abrindo mão disso) as dimensões estéticas, sedutoras, da natureza feminina. Essas dimensões não constituiriam o essencial feminino. Antes, recursos aos quais o ser pleno pode lançar mão.

Ao que parece, tal confluência da tradição machista e da ruptura feminista, encontro típico dos cenários urbanos industriais, deixou à beira da estrada um papel sedutor, o de uma plenitude gratuita do feminino enquanto só prazer e beleza. Esses restos são reaproveitados pelo travesti que, *bricoleur*, se produz plenamente gratuito no âmbito da sociedade produtiva.

Se dirigimos o foco para o mundo do espetáculo, o proliferante – em escala internacional – *show business gay*, talvez se possa pensar na produção de um subfeminino, um feminino *fake*.

Com a lanterna legada por Walter Benjamin – que já iluminou o quanto a época da reprodutibilidade impôs a perda da “aura” aos objetos artísticos, que passariam a circular banalizados, dessacralizados no mundo moderno – poderíamos ampliar o foco.

Os progressos da cirurgia plástica e a acessibilidade dos hormônios e anticoncepcionais estariam operando em escala mundial a perda da “aura” feminina, com o advento de uma proliferação da “feminilidade”. Tentáculos do subfeminino ou da sobrefeminização.

Um feminino *fake*: a última obra de Marcel Duchamp é uma mulher “re”produzida “fiel”mente com couro de porco.

O feminino *kitsch* dos espetáculos *trash*. O feminino ao alcance de todos, como promessa de auto-sensualidade. Tomado na farmácia como uma droga.

*

As flutuações ao longo do texto podem suscitar as idéias de incoerência e indecisão.

Nossos registros e observações impuseram-nos a evidência de que esse objeto, aparentemente expletivo, gratuito, está vivendo uma dinâmica histórica, um processo histórico de mudança no contato com

múltiplos fatores que uma pesquisa mais prolongada poderá vir a especificar.

Tentamos, hipoteticamente, levantar aqui alguns desses fatores. O prosseguimento do trabalho poderá vir a reduzir o alcance que demos a alguns deles ou a definir outros não contemplados por nossa atenção.

Nessa perspectiva dinâmica desmancha-se o suave quadro psiquiátrico no qual o travesti estava encerrado.

Uma malha social o acolhe, uma aceitação pública se esboça, sem que os antigos preconceitos e as disposições hostis tenham-se dissipado completamente.

A todas as dimensões ambíguas levantadas ao longo deste texto, acrescenta-se mais esta: a da *aceitação/rejeição social* convivendo sem que um discurso público busque profligar as disposições arcaicas, como acontece com o movimento negro e o movimento feminista. O movimento homossexual ainda não cristalizou um discurso que restaure inteiramente a dignidade do travesti. Existem boas intenções e disposições simpáticas, que não escondem o desconforto que o vizinho suscita. Ou até mesmo um certo desconhecimento, como fica claro na notável experiência editorial do *Lampião*.

Esse dinamismo do campo que associamos à historicidade do fenômeno decorreu, entre outros fatores, da intensa experiência comum.

Esse processo de institucionalização social está a erodir o “solitário travesti patológico” dos manuais de psiquiatria e a oferecer um relativo espaço para o travesti socializado que, em tal experiência, vai adquirindo particularidades psicológicas inerentes às posições relativas ocupadas em seu “campo social”. Isto é: complexificação desse campo.

Torna-se assim extremamente problemática a caracterização psicológica do travesti.

O dinamismo inerente às experiências concretas torna múltiplas e matizadas suas leituras da situação em que vivem, tendentes, portanto, a complexificar extremamente seu “campo social” de interação.

Um informante de Erdmann afirma que “... o travesti chega a ponto de assumir um estereótipo de mulher que nem mesmo a mulher tem mais. Sabe, aquela mulher embonecada que existia, aquela Miss Universo exagerada...” (Erdmann, 1981:78).

Isso, por exemplo, já não é imanente à condição de travesti.

Poderia ser um traço local, florianopolitano, inexistente no Rio, ou vice-versa. Valeria a pena contextualizá-lo nas relações que seu “campo social” específico entretém com outros “campos sociais”.

Trabalhar antropológicamente tal objeto implica considerar as diferenças culturais que terminam por angular diferencialmente o *projeto travesti* e suas performances específicas. Implica ainda abrir-se para a perspectiva dinâmica das mudanças sociais.

Ver como o informante citado é psicologizar. “Um estereótipo que nem a mulher tem mais” contém uma nítida ressonância psicológica. Tais características mereceriam ser relacionadas com o contexto socio-cultural em que ocorrem e não com uma postulada “mentalidade travesti”.

Além do que, na experiência travesti, o masculino emerge como um abandonar-se à plena maturação do natural, à plena manifestação da natureza em si. Logo, o feminino também assim emerge.

Já o “feminino” é o desbastamento de toda essa produção orgânica do excessivo e do irregular, todos os recursos sendo legítimos para o arredondamento, o corte do excesso e o pleno controle da natureza.

Como se tivéssemos, de um lado, masculino e feminino naturalizados e, de outro, o “feminino” laboratorial. Evidentemente, isto se complica se considerarmos que, ao contrário da distinção macho-fêmea, o par homem-mulher já pressupõe uma construção social. Apoiado em Stoller (1982), postulo apenas que esse “feminino” não é uma ilusão. É apenas um outro FEMININO, uma outra possibilidade de FEMININO.

*

Em um país pobre e sem reais oportunidades de mobilidade social, salva-se quem for suficientemente ambíguo. O máximo de ambigüidade é a garantia da sobrevivência.

Não é à toa que a *evasiva* tornou-se um recurso extremamente freqüente entre as camadas economicamente indigentes da nossa sociedade.

A leitura corrente da *evasiva* a situa entre outros traços que compo-riam a humildade. Pode-se no entanto supor que a *evasiva* está muito

mais inclinada para a composição de uma ambigüidade capaz de permitir, nos contatos e no curso das conversas, um infundável desdizer que permita um compromisso *zero*, nenhum comprometimento, a perda completa do ponto de vista, a moral *do garçom*, uma quase invisibilidade social. Querer “aparecer demais” pode suscitar classificação irremovível, pode dotar o “saliente” de uma identidade que imponha direitos e obrigações congruentes, fixos, inegociáveis. A *evasiva* é a pista da eterna negociação. Ela permite que, à maneira do jogo de porrinha – um jogo popular nacional, com recursos mínimos (no jogo, os três palitos de fósforo – se apagados – adquirem a máxima insignificância) –, obtenham-se variações que possibilitem confundir interminavelmente o interlocutor (ou o oponente, no caso do jogo). Após a formulação dessa hipótese, a leitura dos seis primeiros números da *Folha da Lapa* evidenciou a vitalidade de tal prática, a ensejar até a organização de campeonatos, a concessão de taças e a produção de notícias sobre o jogo.

O travesti parece ser assim, ou assim se finge. Prestidigitador ante o espelho (peça de mobiliário indispensável ao seu mister e sua condição), quando se abre a porta do hotel um universo de possibilidades sexuais também se descortina, na medida mesma em que o primeiro truque retira de todos qualquer centramento que lhes assegure identidade, preferência sexual. O jogo se distende na pauta de uma permanente recusa a tudo que seja decodificado.

Em espiral ou em uma sucessão em perspectiva de espelhos dentro de espelhos, os amantes no quarto do hotel perdem todo o centramento e se investem de uma onipotente vertigem mutante que os torna capazes de tudo, mesmo que não realizem nada, pois o teatro da potencialidade incomensurável é, por si só, satisfatório – ou, em outro plano, espicaçadamente insatisfatório. Essa sexualidade seria uma sexualidade brasileira? Seríamos ousados se víssemos no travesti, além de todas aquelas possibilidades já explícitas, um representante máximo, ou a expressão mais bem acabada dessa sexualidade que sempre se reivindica (não que o seja realmente – o que já é outra história) como agramatical.

Para cuja sensibilidade o canônico, o papai-com-mamãe são sinônimos de tédio, mornidão e desprazer. O prazer está na ousadia malandra de ir pouco a pouco invertendo tudo, num desdobrar infinito que, tal

como no jogo de porrinha, confunde a ejaculação com a porra, expressão malcriada que designa o imprevisto, o trapalhão, uma "cagada", isto porque a ejaculação finaliza, conclui, define.* Dá cabo do jogo sexual infinito e intercambiável.

Vias de trabalho

Na verdade, esta dissertação deriva da confluência de três trabalhos. Primeiro, da tese de doutoramento do autor sobre pensamento social brasileiro, intitulada "As Raízes do Retrato", na qual se detém sobre as discussões travadas em torno de quatro obras selecionadas como representativas do ensaísmo que tenta interpretar (retratar) o Brasil, quais sejam: *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Bandeirantes e Pioneiros*, de Vianna Moog. Segundo, de seminário realizado sob os auspícios da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, em agosto de 1990, sobre a idéia de malandro e sua especificidade histórica, cujas discussões se travaram em torno de duas comunicações, uma do autor desta dissertação e outra de Carlos Alberto Messeder Pereira. Terceiro, de uma etnografia encomendada pelo Iser, para o Ministério da Saúde, sobre travestis cariocas que se prostituem nas ruas do centro da cidade (particularmente na Lapa), coordenada por Luiz Eduardo Bento de Mello Soares.

Cada um dos três trabalhos apresenta especificidades e limites nítidos.

O primeiro trata de distinguir a lógica que orienta a produção de imagens (retratos) do Brasil. Tenta demonstrar, em primeiro lugar, o quanto tais imagens se constroem a partir da eliminação de inúmeras variáveis, dados etnográficos, processos históricos, particularidades regionais e especificidades étnicas para criar um perfil incontrastável de Brasil, uma essência, um arquétipo que, mesmo entre autores libe-

rais, não esconde nem disfarça uma forte tendência autoritária que se particulariza pela obstinação em não pensar a pluralidade etnográfica, histórica, regional ou étnica dessa "sociedade".

O segundo, o seminário em parceria com C.A. Messeder Pereira, procurava estabelecer uma linha minimamente demarcatória entre o fenômeno histórico da malandragem das primeiras décadas deste século na Lapa e o peso específico da idéia de malandro enquanto categoria que contribui, entre outras, para tornar o Brasil pensável (vide *Macunaima* de Mário de Andrade, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, *A Ópera do Malandro*, de Ruy Guerra; ou, em outra vertente, *Dialética da Malandragem*, de Antonio Candido, *Carnavais, Malandros e Heróis*, de Roberto da Matta, *O Brasil, a África e a Preguiça Brasileira*, de Ariano Suassuna).

O terceiro, a etnografia sobre travestis da Lapa, incursiona exatamente no caminho oposto ao do seminário. Se neste se via o malandro como *cosa mentale*, recusando-se sua reificação para notar que o congelamento da figura histórica do malandro dos anos 20 a 40 talvez signifique que aquele tipo específico tenha sido apenas a transformação mais charmosa de uma quase invariante no discurso social brasileiro ou no pensamento das camadas escolarizadas de nossa sociedade. Neste terceiro, repita-se, o caminho foi o da monografia de base, do trabalho concreto e tangível com tipos sociais que desempenham papéis particularíssimos e do qual este texto se prolongou "naturalmente".

E aqui se coloca o problema que emerge da confluência dos três trabalhos, como uma espécie de subproduto ainda não resolvido. Um horizonte novo se descortinou para o autor a partir da realização dos três. Uma nova questão que se propõe trabalhar: a do quanto as visões canônicas do Brasil, produzindo ortopedicamente uma nação congelada, criam paradoxalmente a necessidade de uma idéia de ambigüidade que se materializa em um tipo empiricamente dado. Assim o abstrato se presentifica e ganha corpo. Como se o malandro da Lapa, o travesti da Lapa ou de outros bairros e outras cidades brasileiras fossem o *cavalo* de uma entidade que constitui a única escapatória do panorama sem contrastes produzido pela consciência nacional.

O malandro de ontem, o travesti de hoje são ao mesmo tempo arquétipos e tipos, *cosa mentale* e sujeito empírico; são ao mesmo tempo violentos e delicados, viris e efeminados. Da mesma maneira

* Lucrécia contou-me que passou mais de um ano sem gozar, embora "batalhando" diariamente.